

UNIVERZITA PALACKÉHO OLMOUC  
FILOZOFICKÁ FAKULTA  
Katedra romanistiky

Diplomová práca

A LÍNGUA DO ESTADO DE PARANÁ

Vedúca práce: Mgr. Petra Svobodová

Odbor: portugalská filológia

Autor: Jana Bugalová

Olomouc, máj 2009

**Prehlásenie**

Prehlasujem, že som diplomovú prácu *A língua do Estado de Paraná* vypracovala samostatne pod vedením Mgr. Petry Svobodovej, a že som v zozname literatúry uviedla všetky použité zdroje.

V Olomouci dňa 10.mája 2009

---

vlastnoručný podpis autora

### **Podakovanie**

Rada by som poďakovala Mgr. Petre Svobodovej za cenné pripomienky a odborné rady, ktorými prispela ku vzniku tejto diplomovej práce.

# Índice

<b>Índice</b> .....	4
<b>1. Introdução</b> .....	7
<b>2. História da língua portuguesa no Brasil</b> .....	10
2.1 A primeira fase.....	10
2.1.1 A influência tupi.....	11
2.1.2 A influência africana.....	12
2.2 A segunda fase.....	14
2.3 A terceira fase.....	14
<b>3. A norma brasileira</b> .....	16
3.1 As normas do português.....	16
3.2 Existe uma norma brasileira?.....	17
3.2.1 A norma literária.....	18
3.2.2 A norma familiar.....	19
3.2.3 A norma popular.....	20
<b>4. Variedade dialectal do português brasileiro</b> ....	22
4.1 Norma contra dialecto.....	22
4.2 A história da dialectologia brasileira.....	22
4.2.1 A primeira fase.....	23
4.2.2 A segunda fase.....	23
4.2.3 A terceira fase.....	24
4.2.4 A partir dos anos 60 - época dos atlas..	24
4.2.4.1 Atlas publicados.....	25
4.2.4.2 Atlas em andamento.....	27
<b>5. Classificação dos dialectos brasileiros</b> .....	29
5.1 Principais diferenças linguísticas entre o norte e o sul do Brasil.....	32
<b>6. Paraná e a sua situação linguística como exemplo da complexidade da situação dialectal no Brasil</b> .....	34
6.1 Algumas notas sobre o povoamento do Paraná..	34
6.1.1 Paraná tradicional.....	35
6.1.2 Paraná moderno.....	36
6.2 Algumas palavras sobre a dialectologia do Estado de Paraná (obras fonéticas).....	37
6.2.1 Atlas Linguístico do Paraná (ALPR) - 1990.....	39

<b>7. Traços linguísticos no Paraná.....</b>	<b>42</b>
7.1 Conservação de  e  átono final, precedido de  t  ou  d .....	42
7.2 Palatalização de  t  e  d  seguidos de  e  em sílaba átona final.....	44
7.3 Ditongação das vogais tónicas  a  e  u  seguidas de  s  ou  z .....	45
7.4 Realizações de  l .....	46
7.4.1 Realização de  l  em trava de sílaba....	47
7.4.2 Realização de  l  em grupo consonantal..	47
7.4.3 Realização de  l  seguido de  i .....	48
7.5 Realização de  n  seguido de  i .....	49
7.6 Assimilação de  d  antecedido de nasal tónica.....	49
7.7 Retroflexão de  r .....	50
7.7.1 Realização de  r  precedido de vogal nasal.....	50
7.7.2 Realização de  r  em posição inicial....	51
7.7.3 Realização de  r  em trava de sílaba....	51
7.8 Realização do encontro consonantal  dv .....	52
7.9 Realização de  s  em trava de sílaba.....	53
<b>8. As zonas fonéticas do Paraná.....</b>	<b>54</b>
8.1 Principais isófonas.....	54
8.2 Outras isófonas.....	56
<b>9. Cosiderações finais - existe uma zona fonética no norte?.....</b>	<b>58</b>
<b>10. Conclusão.....</b>	<b>60</b>
<b>11. Referências bibliográficas.....</b>	<b>63</b>
<b>12. Resumé.....</b>	<b>65</b>
<b>13. Anexos.....</b>	<b>66</b>
Anotações fonéticas-tábua de símbolos fonéticos.....	66
Cartas.....	68
carta 1.....	68
carta 2.....	69
carta 44.....	70
carta 45.....	71
carta 46.....	72
carta 47.....	73
carta 49.....	74

carta 34.....	75
carta 35.....	76
carta 36.....	77
carta 10.....	78
carta 13.....	79
carta 15.....	80
carta 9.....	81
carta 8.....	82
carta 18.....	83
carta 20.....	84
carta 24.....	85
carta 21.....	86
carta 26.....	87

# 1. Introdução

Este trabalho está consagrado à língua portuguesa no Brasil, mais precisamente à variação dialectológica neste país.

A problemática da variação linguística no Brasil não é evidente. Trata-se de um país tão grande que a delimitação das fronteiras linguísticas entre diversos estados parece muito complicada.

Existem duas razões por as quais a autora decidiu de escrever um trabalho desse tipo. Uma delas é simplesmente um interesse pela linguística. A autora passou um ano no Brasil estudando na Universidade Federal do Paraná onde adquiriu mais conhecimentos quanto a esta problemática. Os professores da Faculdade de Letras incitaram o interesse pela variação linguística, nomeadamente a do Estado de Paraná.

A segunda razão é a falta de informações aqui na República Checa. Os estudantes e professores não têm bastante informações sobre a variação dialectológica no Brasil. Ao contrário da variação linguística de Portugal que é bem descrita e as publicações são numerosas, o Brasil fica de lado. Se tem algumas publicações, estas são muito concretas e não accesíveis para os estudantes checos. A autora ela mesma defrontou-se com este problema de falta de materiais necessários para compor um tão trabalho. Um grande apoio representou justamente a estada no Brasil que lhe permitiu recolher alguns documentos consagrados à variação linguística do Estado de Paraná não disponíveis na República Checa.

O objectivo do trabalho é então apresentar uma imagem da língua actual no Paraná. Vamos tentar apresentar alguns traços típicos desse estado e denominar as diferentes zonas dialectológicas, nomeadamente a do norte do estado que nos parece bastante diferente das outras.

O trabalho será dividido em várias partes, passando do mais geral ao mais concreto.

Primeiro consideramos necessário familiarizar o leitor com a história da língua portuguesa no Brasil.

Existem três fases na história do português brasileiro que estão ligadas também à história da colonização deste país. Nós consideramos importante mencionar a influência das outras línguas, principalmente a do tupi e a das línguas africanas. Tudo isso deixou vestígios na língua portuguesa do Brasil.

Nós consideramos necessário falar também da norma do português brasileiro. Não é fácil determinar em que consiste a norma brasileira. Esta difere da norma europeia, temos que notar que a norma no Brasil não é só uma mas tem várias normas - norma literária, familiar, popular. O Brasil é um país imenso com a grande variação linguística e não é assim possível fixar uma só norma como em Portugal.

Para continuar, vamos passar por uma história da dialectologia brasileira mencionando vários trabalhos importantes, como por exemplo os atlas linguísticos. Consagrando esse trabalho à variação linguística do Estado de Paraná, a dialectologia paranaense não pode ficar inadvertida. O Atlas linguístico do Paraná representa um trabalho muito importante nesta área.

Esta primeira parte será então consagrada sobretudo à história da língua, os documentos principais, etc. Na segunda parte, vamos apresentar a divisão dialectológica no Brasil, mencionar as principais diferenças entre os dialectos do norte e do sul do Brasil. Aqui passamos aos traços concretos dos dialectos do sul como também esses do Estado de Paraná também.

Neste contexto, tentaremos fixar uma imagem da língua do Estado de Paraná com os seus traços típicos e dividi-lo em várias zonas linguísticas. Tentaremos confirmar ou não a teoria que a região do norte do estado é específica por seus traços linguísticos que não aparecem no resto do estado.

O Paraná é um estado muito interessante não só por sua história mas também por grupos étnicos que aqui vivem e provavelmente influenciaram a língua paranaense. Isto é uma

das razões por que a autora decidiu descrever a língua desse estado. Temos que estar de acordo com as palavras de dr Vanderci de Andrade Aguilera que afirma o seguinte:

*Basta conhecer algumas localidades de cada região paranaense para se sentir que o Paraná é um mosaico vivo de dezenas de povos e culturas o mais diversificadas, e até historicamente antagônicas, convivendo lado a lado, assimilando mutuamente, em maior ou menor escala, seus hábitos e costumes, inclusive e sobretudo, os lingüísticos. A coleta de dados, embora modestamente, documenta a influência lingüística dos vários grupos étnicos que aqui vieram começar uma nova vida: alemães, italianos, poloneses, ucrainos, espanhóis, portugueses, russos, entre outros.<sup>1</sup>*

Esperamos que o nosso trabalho sirva de ajuda para todos que se interessam na linguística portuguesa e lhes ajude obter uma imagem mais complexa da dialectologia brasileira, especialmente da variação linguística do Sul do Brasil mas sobretudo da do Estado de Paraná no primeiro plano.

---

<sup>1</sup> Aguilera, Vanderci de Andrade. Atlas lingüístico do Paraná Vol.I. São Paulo: Assis, 1990. pp.74

## **2. História da língua portuguesa no Brasil**

A história da língua portuguesa no território brasileiro começa no ano 1500 com a chegada dos portugueses à América do Sul. Foi a 22 de Abril de 1500 que o Pedro Álvares Cabral chega às costas do Brasil em nome do rei D.Manuel de Portugal.

Segundo o grande filólogo Serafim da Silva Neto, podemos distinguir três fases na história do português brasileiro.<sup>2</sup> A primeira data à época desde o começo da colonização até a expulsão dos holandeses em 1654, a segunda desde esse momento até a chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808 e a terceira desde esse ano até aos nossos dias. Durante essas três fases, a língua portuguesa sofreu várias mudanças no território brasileiro que foram ligadas às mudanças populacionais ou aos encontros com as outras línguas.

### **2.1 A primeira fase**

A primeira fase abrange os anos 1532 - 1654. Esses anos representam o começo da colonização do território português e a expulsão dos holandeses deste território.<sup>3</sup> Durante esta época, a língua sofreu muitas modificações, e é assim considerada a época mais importante na história da língua.

A língua falada neste território, que agora corresponde ao Brasil de hoje, foi o tupi da família tupinambá que foi chamado a língua geral.<sup>4</sup> A língua geral predominante nos séculos XVI e XVII representava o meio de comunicação entre os colonizadores e os índios. Na época, o Tupi foi três vezes

---

<sup>2</sup> [www.unicamp.br/Arte/ler.php?art\\_cod=684](http://www.unicamp.br/Arte/ler.php?art_cod=684) (10/02/2009)

<sup>3</sup> 22.01.1532 - Martim Afonso de Sousa fundou São Vicente - a primeira aldeia no Brasil

<sup>4</sup> Língua geral - Língua franca - Antigo idioma e termo que se refere geralmente a uma língua aprendida, além de seus falantes nativos, para o comércio internacional e outras interações mais extensas. [http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%Adngua\\_franca](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%Adngua_franca) (06/04/2009)

mais falado do que o português. Temos que mencionar que nesta época já apareceu um crioulo português falado pelos indígenas e mamelucos.<sup>5</sup> Estes aprendem pouco a pouco a língua portuguesa mas de uma forma imperfeita e simplificada. Só uma pequena elite constituída por frades, funcionários e proprietários de grandes fazendas falam o português metropolitano.

Esta fase, considerada a mais importante, é caracterizada por várias modificações da língua. Por causa do encontro com as línguas indígenas mas também as africanas, a língua portuguesa no Brasil começou diferenciar-se da forma europeia e assim pouco a pouco começou a seguir o seu próprio caminho.

A influência das línguas indígenas e também as africanas na língua portuguesa no Brasil é indubitável. Mas temos que apontar que esta influência está ligada sobretudo ao vocabulário. O português brasileiro compreende um número enorme das palavras de origem indígena e africana. Estas são sobretudo os topónimos, nomes de pessoas, nomes de fauna e flora, etc. Mas como neste trabalho prestamos atenção sobretudo à fonética, concentremo-nos em alguns traços fonéticos apropriados a língua tupi e as línguas africanas.

### **2.1.1 A influência tupi**

A influência da língua tupi no português do Brasil foi muito grande mas como já dissemos, trata-se sobretudo da influência no vocabulário. Quanto à fonética, a influência já não é tão evidente como o confirmam alguns tupinólogos. Aqui são alguns desses traços fonéticos discutíveis.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Uma língua crioula é uma língua natural que se distingue das restantes devido a três características: o seu processo de formação, a sua relação com uma língua de prestígio e algumas particularidades gramaticais. Uma língua crioula deriva sempre de um pidgin, que não é uma língua natural, mas apenas um sistema de comunicação rudimentar, alinhavado por pessoas que falam línguas diferentes e que precisam de comunicar. [http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%Adnguas\\_crioulas](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%Adnguas_crioulas) (06/04/2009)

<sup>6</sup> Cuesta, Pilar Vázquez. Mendez da Luz, Maria Albertina. Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Edições 70, 1989. pp.213

- o ensurdecimento e queda do |r| final de palavra
- o ieísmo
- a forte nasalação de qualquer vogal tónica seguida de |m| ou |n| que não trava sílaba
- a redução popular de |nd| a [n] nos gerúndios

Porém sempre há dúvidas se estes traços realmente pertencem a língua tupi e não às outras línguas ou dialectos. Segundo Pilar Vázquez Cuesta não podemos falar unicamente de uma influência indígena.<sup>7</sup> Por exemplo a queda do |r| final ou o ieísmo aparece por exemplo em francês mas também provençal ou andaluz. A forte nasalação de qualquer vogal tónica seguida de |m| ou |n| apareceu já no português arcaico e é típica em alguns dialectos em Portugal.

Podemos ver que segundo essas afirmações não é nada fácil claramente definir a origem desses traços linguísticos.

### **2.1.2 A influência africana**

Não só as línguas indígenas deixaram os vestígios na formação do português brasileiro. Outro papel importante na sua formação representaram as línguas africanas trazidas do continente africano por causa do tráfico de escravos.

Durante o tempo da colonização, apareceram no Brasil, duas línguas predominantes dos negros. O „nagô“ ou „iorubá“ na Bahia, e o „quimbundo“ nas outras regiões.

O quimbundo é uma língua banta, falada em Angola, por 4 milhões de pessoas. Esta língua foi a que mais influenciou o português brasileiro, foi a mais importante e mais empregada na época.

O iorubá é uma língua da família linguística nigero-congolesa falada na parte oeste da África, principalmente na Nigéria, Benin, Togo e Serra Leoa.

---

<sup>7</sup> Cuesta, Pilar Vázquez. Mendez da Luz, Maria Albertina. Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Edições 70, 1989. pp.213

As línguas africanas deixaram seus vestígios sobretudo nos dialetos do interior. As alterações fonéticas são as mais frequentes. Colocamos aqui alguns exemplos destas alterações.<sup>8</sup>

- mudança do fonema línguo-palatal [λ] na semivogal [j]
- a passagem do fonema [ ] para o sibilante [z]
- transformação de |o| e |g| antes de |e| e |i| em [z] no dialeto carioca
- aféreses violentas:

*tá* - *estar*  
*ocê* - *você*  
*cabá* - *acabar*  
*Bastião* - *Sebastião*

- ensurdecimento e queda do |r| final
- ieísmo
- redução de |nd| a [n] nos gerúndios
- queda ou vocalização do |l| final
- a redução dos ditongos |ei| e |ou| para [e] e [o]

Quanto a esses traços fonéticos, apercebemo-nos que alguns são atribuídos também à língua tupi. Como exemplos, mencionamos o ensurdecimento do |l| final que aparece também na Andaluzia e em alguns dialetos em Portugal, ou redução dos ditongos |ei| e |ou| que é próprio ao francês ou ao espanhol.

Determinar os traços linguísticos próprios à influência africana bem como a das línguas indígenas na fonética parece bem complicado. Muitas línguas e povos passaram pelo território brasileiro. Assim parece difícil classificar os diferentes traços linguísticos e atribuí-los às certas línguas.

---

<sup>8</sup> Mendonça, Renato. A Influência africana no português do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1973. pp.61-66

## **2.2 A segunda fase**

A segunda fase começa com o facto da expulsão dos holandeses do território português em 1654 e acaba com a chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro. Com a partida dos holandeses, o Brasil fica completamente português. É por esta razão que a segunda fase começa por esse acontecimento. O facto de libertação do domínio holandês provocou o sentimento de patriotismo em relação a língua.

A colonização fez-se do litoral ao interior e então a língua tupi está pouco a pouco a retirar-se ao interior. Mas com a descoberta do ouro, os imigrantes europeus passam ainda mais ao interior e a língua geral passa assim para atrás e cai em decadência. A última gota nesse processo da decadência foi a criação dos decretos - Cartas Régias, lançadas pelo governo português em 1757, que proibiram o uso da língua geral. A expulsão dos Jesuítas vai só terminar esse processo e a língua tupi vai ser completamente substituída pelo português.

Em consequência de tudo isso, a língua portuguesa atinge uma posição dominante e a língua geral - o tupi perde a importância. No entanto, é evidente que esta longa convivência do português com o tupi deixou vestígios no português brasileiro contemporâneo.

## **2.3 A terceira fase**

A terceira fase engloba a época que começa pela chegada do Rei D.João VI. ao Brasil e vai até aos nossos dias. Esta transferência da Corte portuguesa tornou o Rio de Janeiro um centro de cultura e provocou uma rápida urbanização. Muitas pessoas emigraram nesta época para as cidades que culturalmente foram mais atraentes do que os campos. Nas grandes cidades, as pessoas, influenciadas pela presença da Corte portuguesa, utilizavam sobretudo a forma do português

européio. No mesmo tempo, o campo, habitado sobretudo pelos mestiços, conservou a língua portuguesa influenciada pelas línguas indígena e africanas.

Mais tarde, depois da partida da corte e da independência política, começaram a aparecer grupos de escritores românticos que tinham por objetivo mostrar que o Brasil é independente de Portugal e assim também a língua difere. Estes escritores utilizam sobretudo o vocabulário indígena com os termos tupi-guarani.

Mas é a partir do século XX (1922), os modernistas se unificam quanto à língua e começam a utilizar uma língua portuguesa realmente falada no Brasil, uma língua popular. É nesse momento que as pessoas começam a reflectir sobre a língua falada no Brasil mas sobretudo começam a tentar estabelecer uma forma que poderia ser codificada como português brasileiro.

### 3. A norma brasileira

#### 3.1 As normas do português

Falamos de três normas da língua portuguesa. Estas são a norma europeia, a norma brasileira e a norma africana.

Quando à norma brasileira, as primeiras tentações de codificação aparecem nos anos 20 do século XX quando os escritores modernistas tentam estabelecer uma forma mais ou menos uniforme do português do Brasil.

As diferenças entre as variedades europeia e a brasileira da língua portuguesa são bem visíveis tanto para os falantes nativos dessa língua como para os estrangeiros. Este facto de diferença é compreensível porque as mudanças que o português sofreu durante o período colonial no Brasil são marcantes. Também surgem opiniões que o português brasileiro com tantas mudanças já não é essa língua que está a continuar a ser falada em Portugal. As palavras do escritor Luiz Ruffato falam claramente: „...nós, brasileiros (...) pois embora falemos uma língua que já não é mais o português...”<sup>9</sup>

Vamos agora falar de alguns aspectos que diferenciam as duas variantes da língua portuguesa.

Quanto aos aspectos fónicos, a primeira coisa que nos apercebemos ouvindo o português europeu e o brasileiro é a diferença do sotaque, a redução vocálica no português europeu e o enfraquecimento de algumas consoantes no português brasileiro. Por esta razão, temos impressão que o português brasileiro é mais vocálico e ao contrário, o português europeu mais consoântico por causa da „falta” dos vogais.

O enfraquecimento no português brasileiro ocorre sobretudo com as consoantes na posição final da palavra. Como exemplos servem por exemplo o |l| final que passa a ser

---

<sup>9</sup> Ondjaki. Bom dia camaradas. Rio de Janeiro: Agir, 2006. pp.12

vocalizado em [u], ou o |r| final que está aspirado ou até reduzido a zero.

Outra das características do português brasileiro, embora não seja aplicada para todo o Brasil, é a palatalização de dentais seguidas de semivogal ou vogal anterior (*tia, dia, onde...*).

Entre os aspectos sintácticos, vamos mencionar só as mais marcantes. A concordância verbal e nominal é de menos a menos mantida no português brasileiro (*Os meus filho*).

O uso de pronomes pessoais *você* em lugar de *tu* e *a gente* em lugar de *nós*. O que é interessante é a perda de pessoas verbais que segue depois. Enquanto que no português europeio tenhamos seis pessoas verbais, no português do Brasil, estas são eliminadas em quatro (*eu falo, ele, você, a gente fala, nós falamos, eles falam*), três (*eu falo, ele, você, a gente fala, eles falam*), ou até duas (*eu falo, ele, você, a gente, eles fala*).

Outra das diferenças é que o português europeio é uma língua mais enclítica, e o português brasileiro passou a ser mais proclítica mesmo nas orações subordinadas ou negativas (*Eu não disse a ele para trazer os seus amigos*).

O uso de pronome tónico como objecto é também um dos traços que caracterizam o português do Brasil (*Eu vi ele na aula*).

Apresentamos aqui só algumas das diferenças entre as variedades europeia e brasileira do português. Estas são as quais nos pareceram mais visíveis e assim talvez mais usadas.

### **3.2 Existe uma norma brasileira?**

O que é a norma padrão brasileira? É muito difícil denominá-la e dizer de maneira clara em que consiste a norma do português do Brasil. O Brasil é um território muito grande com diferentes variantes regionais da língua.

No ano 1969 começou a realização do projecto NURC - „*Projecto de Estudo Coordenado da Norma Linguística culta*“ que se deu por objectivo caracterizar uma norma brasileira que se forma nas grandes cidades. Este estudo está a realizar-se em cinco grandes cidades do Brasil (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife). Infelizmente, esse projecto é ainda em fase de colecção de dados e assim não podemos apresentar o seu resultado.

Como não é fácil denominar uma só norma no português do Brasil, vários linguistas, Pilar Vázquez Cuesta inclusive, ficam de acordo que existem três normas no Brasil - a norma literária, familiar e a popular. Esta diferenciação fez-se segundo o uso situacional e social da língua

### **3.2.1 A norma literária**

O objectivo principal dos escritores na época do romantismo é de se afastar da língua dos clássicos portugueses, assim aparece uma revolta contra a norma linguística portuguesa. Eles tentam inventar uma língua brasileira com os seus traços típicos não só linguísticos mas também familiares, cultos e populares. Ao contrário, os modernistas querem voltar à língua do povo e nas suas obras utilizam os brasileirismos sintácticos, muitas vezes considerados incorrectos (colocação dos pronomes, formas de tratamento, uso de gerúndio, menos emprego dos artigos, uso especial de preposições...).<sup>10</sup>

Segundo Pilar Vázquez Cuesta, a principal diferença entre a norma literária portuguesa e a brasileira consiste em vocabulário em que os mais utilizados brasileirismos considera os seguintes.<sup>11</sup>

- tupinismos

---

<sup>10</sup> veja capítulo 3.1

<sup>11</sup> Cuesta, Pilar Vázquez. Mendez da Luz, Maria Albertina. Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Edições 70, 1989. pp.213

- africanismos
- palavras ameríndias de origem não tupi (línguas tapuias) e as que entraram no Brasil através do espanhol
- arcaísmos (físico, assistir)
- dialectismos portugueses (salvar por saudar, que se usa no Sergipe e na Beira)
- brasileirismos semânticos (virar prosa)
- criações novas (ônibus, trem, aeromoça, refrigerador)

No que concerne a norma literária, segundo os traços enumerados neste capítulo, observamos que esta é caracterizada só no nível léxicológico. A divisão da norma brasileira em três tipos feita por Pilar Vázquez Cuesta é a única que nós encontramos. Assim infelizmente não podemos comparar esta sua divisão com os estudos de outros linguistas.

### **3.2.2 A norma familiar**

A língua familiar considera-se a língua empregue por pessoas de uma certa cultura e educação, isto quer dizer as pessoas com o primeiro grau de escolaridade no mínimo que assistem a rádio ou televisão. A norma familiar está representada pela língua da cidade do Rio de Janeiro, antiga capital e centro cultural do país, apesar de praticamente ser falada só nessa cidade ou nos seus arredores. A pronúncia carioca usa-se na rádio, cinema, televisão e ensino. Pilar Vázquez Cuesta determina os principais traços fonéticos da fala carioca. Aqui são alguns deles.<sup>12</sup>

- a conservação de |e| tónico semi-fechado antes da palatal que não passa a [a] como em Portugal (tenho, espelho)
- a conservação do ditongo [ej] que não passa a [aj] como em Portugal (bem)

---

<sup>12</sup> Cuesta, Pilar Vázquez. Mendez da Luz, Maria Albertina. Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Edições 70, 1989. pp.126-129

- a conservação do ditongo [ow] que se reduz a [o] em Portugal. No Brasil este ditongo não altera com [oj] porque pode mudar o significado (louro-a cor do cabelo da pessoa, loiro-a cor do papagaio)
- maior nasalização das vogais tónicas seguidas da nasal não travante (Antônio [õ])
- a falta de |a| semi-fechado na posição tónica
- a conservação de |e| inicial ou pretónico que às vezes passa até o [i] (menino, veludo)
- a pronúncia de |e| nasal átono inicial passa a [i] (embrulho, empregar)
- a nasalização das vogais átonas antes de |nh|
- a pronúncia de |e| e |o| passa a [i] e [u] ([u] mais aberto do que em Portugal (perto, longe)
- a palatalização de |t| e |d| seguidos de iod ou |i| para [tʃ] e [dʒ] (noite, tinha, rede)
- a semivocalização do |l| final para [w] (geral, mel, Brasil)
- o ensurdecimento ou queda do |r| final no infinitivo (buscar)
- a palatalização de |s|, |z| ou |x| finais, ou antes da consoante, estes consoantes ditongam com |i| (paz, bombons)

Em conclusão, merece destacar que alguns desses traços não estão respeitados com primor. Como exemplo pegamos o último traço mencionado que é a palatalização de |s|, |z| ou |x|. Enquanto que os locutores dos canais cariocas palatalizam, os outros, como por exemplo os da televisão paulista, usam a pronúncia não palatalizada.

Apesar de tudo isso, podemos dizer que essa norma aproxima-se o mais do que chamamos a norma padrão porque é essa língua que na realidade representa mais a língua portuguesa falada no Brasil.

### 3.2.3 A norma popular

A língua popular é bastante uniforme, apesar de o Brasil ser um país tão grande. A língua popular provem de uma língua crioula falada pelos primeiros habitantes do Brasil que foi divulgada graças aos bandeirantes que andavam cada dia mais ao interior do país e mantiveram assim a sua uniformidade. Hoje, esta língua é típica sobretudo para as zonas rurais que ficaram um pouco isoladas dos centros urbanos. Nos campos persiste esta forma da língua enquanto nas cidades a língua passou por uma transformação devido ao reaportuguesamento após da chegada da Corte portuguesa. Podemos mencionar aqui alguns dos traços „panbrasileiros“ atribuídos a língua popular.<sup>13</sup>

- a redução do ditongo [ej] a [e] (peixe)
- a redução do ditongo [aj] antes da palatal a [a] (caixa)
- o desaparecimento de |r| final nas palavras não infinitivas (senhor, pior)
- a simplificação de |lh| a [l] ou [i]-ieísmo (filho)
- a redução de |mb| a [m] (também)
- a redução de |nd| a [n] nos gerúndios (pensando)
- |i| epentético (absolutamente)

---

<sup>13</sup> Cuesta, Pilar Vázquez. Mendez da Luz, Maria Albertina. Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Edições 70, 1989. pp.132

## **4. Variedade dialectal do português brasileiro**

### **4.1 Norma contra dialecto**

A classificação dos dialectos e a denominação das fronteiras linguísticas no Brasil parece bastante difícil. Se o dialecto é um desvio da norma, precisaríamos, antes de mais nada, saber o que é a norma brasileira e em que consiste. O problema é que o Brasil é um país imenso e fixar uma só norma é quase impossível. De mais, até aos nossos dias, nenhum linguista apresentou uma denominação clara da norma brasileira. Entretanto, não há outro jeito senão contentar-se com a divisão da norma brasileira em três tipos proposta por Pilar Vázquez Cuesta.<sup>14</sup>

### **4.2 A história da dialectologia brasileira**

Por início da dialectologia brasileira é considerado o ano 1826 e a publicação de „*Introduction à l'Atlas ethnographique du globe*” por A.Balbi. Esta obra compreende entre outros o artigo sobre as línguas do Novo Mundo, onde uma grande parte está dedicada ao português brasileiro. O autor deste artigo foi Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, e a partir dessa data, podemos começar a falar do início da dialectologia brasileira na qual distinguimos três fases.

---

<sup>14</sup> veja capítulo 3.2

#### **4.2.1 A primeira fase**

Todo o primeiro período é característico pelas obras do caráter lexicográfico. Os autores interessavam-se sobretudo em vocabulário, em particular nas diferenças entre o português brasileiro e o de Portugal. Aqui podemos mencionar por exemplo o *Dicionário da língua brasileira* de Luís Maria da Silva Pinto (1832) ou *Dicionário brasileiro da língua brasileira* de Antonio Joaquim de Macedo Soares (1888).

Além dessas obras aparecem também as obras nas quais os autores falam das diferenças dentro do português brasileiro. Estas são por exemplo *A linguagem popular amazônica* de José Verríssimo (1884), *Glossário paraense* de Vicente Chermont de Miranda (1905), ou *Dicionário de brasileirismos* (peculiaridades pernambucanas) de Rodolpho Garcia (1913). Os autores interessam-se também nas influências das línguas indígenas (tupi) ou africanas (Congo e Angola).

Só no ano 1879 apareceu um livro de José Jorge Paranhos da Silva *O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil* que presta atenção não só ao vocabulário mas também aos traços gramaticais que diferenciam o português do Brasil do português continental.

#### **4.2.2 A segunda fase**

O segundo período na história da dialectologia brasileira é característico pelas obras nas quais os autores pensam em denominar o que é um dialecto assim como classificá-los. Eles afirmam que também é necessário respeitar uma metodologia correcta nos estudos da dialectologia. No mesmo tempo, esses autores interessam-se em concretos dialectos e prestam atenção à importância do estudo dos diferentes dialectos.

Entre as obras mais significativas desta fase mencionamos por exemplo *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral, publicado em

1920 em São Paulo ou *O linguajar carioca* de Antenor Nascentes, publicada em 1922 no Rio de Janeiro. Este segundo como primeiro tentou também caracterizar e diferenciar os dialectos do Norte e os do Sul. Como podemos ver mais tarde, esta divisão e sobretudo a fronteira com a qual o autor separou o Norte do Sul mostrou-se correcta.

#### **4.2.3 A terceira fase**

Esta época é sobretudo a época dos dicionários e trabalhos teóricos quanto à dialectologia. O objectivo principal foi a publicação de um atlas linguístico do Brasil. Neste período surgiram os trabalhos dos importantes linguistas e fundadores da dialectologia brasileira dedicados aos diferentes dialectos. Entre outros podemos mencionar os nomes como Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha ou Nelson Rossi. Aparecem também as obras dedicadas aos dialectos particulares - os átlas. Aos diferentes átlas e a caracterização dessas obras é consagrado o capítulo seguinte.

#### **4.2.4 A partir dos anos 60 - época dos átlas**

Surgiram no Brasil muitas tentações de classificar os dialectos brasileiros e diferenciar assim as áreas dialectológicas do Brasil. O maior objectivo foi a criação de um Atlas linguístico do Brasil, uma obra que tem por objectivo descrever a realidade linguística do Brasil através das diferenças fonéticas, lexicais, morfológicas ou sintácticas.

Mas como afirmou Antenor Nascentes, antes de criar um Atlas linguístico de todo o Brasil, é importante conhecer os dialectos individuais e então propõe primeiro um estudo

sistemático dos diferentes dialectos do país<sup>15</sup>. Assim surgiram os diferentes átlas das diferentes regiões, alguns já concluídos e publicados, outros ainda em andamento. Vamos então enumerar e caracterizar essas obras muito importantes na dialectologia brasileira.

#### **4.2.4.1 Átlas publicados**

São oito os átlas linguísticos publicados até agora.

##### **Átlas Prévio dos falares baianos (APFB) - 1963**

Elaborado entre os anos 1960 e 1962, o átlas baiano é o primeiro átlas publicado no Brasil. O grupo de oito estudantes da Universidade Federal da Bahia sob a coordenação do professor Nelson Rossi apresentaram uma obra com quase 200 cartas e 50 pontos de inquérito. As questões são divididas em áreas sêmanticas: **Terra, Vegetais, Homem e Animais**. Os informantes eram analfabetos ou semi-analfabetos, contando 57 mulheres e 43 homens entre 25 e 60 anos.

##### **Esboço de um Átlas linguístico de Minas Gerais (EALMG) - 1977**

O segundo átlas linguístico do Brasil é uma obra de um grupo de professores da Universidade Federal de Juiz de Fora sob a responsabilidade do professor José Ribeiro. O questionário é constituído por 145 perguntas aplicadas em 116 localidades. O primeiro volume tem como campos semânticos **Tempo e Folguedos infantis da rua** e os campos semânticos **Homem, Animais, Água e Terra** fazem parte dos volumes seguintes.

---

<sup>15</sup> Černý, Jiří. Brazilská portugalština:dialekty a spisovný jazyk velkých měst. Slovo a slovesnost. 59, 1998. pp.135

### **Átlas Linguístico da Paraíba (ALPB) - 1984**

Este atlas foi elaborado por Maria do Socorro Aragão e Cleuza Menezes da Universidade Federal da Paraíba. A parte geral compreende 289 questões e a específica tem 588 questões. O inquérito foi aplicado em 25 municípios de base com três municípios satélite cada. Os campos semânticos são: **Terra, Homem, Família, Habitação e Utensílios domésticos, Aves e Animais, Plantação e Actividades sociais.**

### **Átlas Linguístico de Sergipe (ALSE) - 1987**

O quarto atlas linguístico foi realizado pela mesma equipe do que o APFB. Coordenado então por Nelson Rossi, este atlas representa uma continuação do atlas baiano. As áreas semânticas são as mesmas. Este atlas contém 182 cartas, o inquérito foi realizado em 15 localidades com 30 informantes. Temos que acrescentar que este atlas representa um grande avanço, porque pela primeira vez foram utilizadas as gravações em fitas cassete.

### **Átlas Linguístico do Paraná**

A este atlas está consagrado o capítulo 6.2.1 que fala da dialectologia do Paraná.

### **Átlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) - 2002**

O atlas linguístico do Sul não se limita só a um estado, mas é uma colectânea dos dados linguísticos de três estados sulistas. Estes são: Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Este projecto foi coordenado pelo professor Walter Koch da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a responsabilidade do prof.Dr. Osvaldo Furlan da mesma universidade e do prof.Dr. José Luís da Veiga Mercer da Universidade Federal do Paraná. Este projecto realizou-se em 294 localidades com um total de 711 questões.

### **Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS II) - 2002**

Este atlas é o segundo volume do Atlas linguístico de Sergipe publicado em 1987. Foi apresentado como uma tese de doutoramento da professora Suzana Alice Marcelino Cardoso da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A obra apresenta um conjunto de 108 cartas aplicadas em 15 localidades. A autora concentra-se na área semântica **Homem**.

### **Atlas Linguístico do Amazonas (ALA) - 2004**

Elaborado por Maria Luíza de Carvalho Cruz, este atlas é primeiro dos atlas linguísticos do Brasil que controla sistematicamente a variável faixa etária. Tinha 54 informantes, 6 por cada ponto de inquérito, com idade de 18-35, 36-55 e 56 e mais. O atlas compreende 107 cartas fonéticas e 150 cartas sémantico-lexicais. O número total de questões é 483.

#### **4.2.4.2 Atlas em andamento**

Além dos atlas já publicados, falamos de outros nove atlas que se encontram na fase de elaboração.

**Atlas Linguístico do Acre** - coordenado por Luíza Galvão Lessa (18 localidades)

**Atlas Linguístico do Ceará** - coordenado por José Rogério Fontenele Bessa (69 localidades, 268 informantes)

**Atlas Linguístico do Maranhão** - coordenado por Conceição de Maria de Araújo Ramos (18 localidades)

**Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte** - em elaboração

**Atlas Linguístico de Mato Grosso** - em fase de implantação

**Atlas Linguístico do Estado de São Paulo** - iniciado por Pedro Caruso (60 localidades)

**Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro** - inicialmente coordenado por Celso Cunha, mas actualmente por Sílvia Figueiredo Brandão (45 localidades)

**Atlas Geo-sociolinguístico do Pará** - coordenado por Abdelhak Razky (57 localidades)

**Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul** - sob a responsabilidade de Dercir Oliveira (33 localidades)

## 5. Classificação dos dialectos brasileiros

Entre os primeiros a falar sobre a divisão dialectal no Brasil, temos que mencionar Júlio Ribeiro, autor de *Gramática portuguesa*, 1881 e Rodolpho Garcia, autor de *Dicionário de brasileirismos (peculiaridades pernambucanas)*, 1913. Mais tarde, Antenor Nascentes estudando estas propostas, prestou atenção à importância do estudo dos diferentes dialectos. No seu livro *O linguajar carioca*, ele tentou descrever o dialecto do Rio de Janeiro mas também caracterizar e diferenciar os dialectos do norte e os do sul. Esta sua classificação foi adoptada por outros linguistas. Antenor Nascentes usa o termo „falar“ e „subfalar“ e não dialecto como por exemplo Celso Cunha e outros. Após desta proposta de Antenor Nascentes, nenhuma outra foi lançada.

Vamos então apresentar a classificação dos dialectos no Brasil segundo a proposta de Antenor Nascentes<sup>16</sup>. No que concerne os traços linguísticos mencionados, baseamo-nos em publicações de Pilar Vázquez Cuesta e Serafim da Silva Neto<sup>17</sup>.

### **1. FALAR DO NORTE**

- divide-se em subfalares

**1.1. Amazónico** - estados de Pará, Amazonas, Acre, parte de Goiás

**1.2. Nordestino** - estados de Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, parte de Goiás

No que diz respeito aos subfalares do norte, vamos aqui salientar alguns dos traços mais típicos para essa região.

---

<sup>16</sup> Cunha, Celso. Lindley Cintra, Luís F. Nova Gramática do Português Contemporâneo. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 2000. pp.21-23

<sup>17</sup> Cuesta, Pilar Vázquez. Mendez da Luz, Maria Albertina. Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Edições 70, 1989  
Silva Neto, Serafim da. História da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Presença, 1986

Quanto ao subfalar amazônico, um traço particular é característico para os dois mais grandes estados do extremo norte do país, Pará e Amazonas. Trata-se de um traço fonético que consiste em passagem do |o| tônico a [u].

No que concerne ao subfalar nordestino, esse é bastante bem estudado, sobretudo em comparação com o subfalar sulista. Dois traços são característicos para todo o nordeste. Todas as vogais pretônicas são abertas e a ausência do |nh| que se reduz a uma nasalização.

Quanto aos traços particulares de diversos estados, estes são os seguintes.

Alagoas - vocalização de |l| final que toma |e| ou |i| epentético ex. sol

- |l| interior que trava sílaba muda em [r], esta mudança provoca também uma vocalização ex. caldo

Ceará - |g| e |z| se transformam em [h] aspirado ex. gente, fazenda

- o diminutivo |inho| passa a [io] ou até a [i] perdendo a vogal final ex. caminho

- colocação de |i| entre duas vogais idênticas ex. a água

Alagoas, Pernambuco e Ceará - |v| transforma-se em [h] aspirado ex. estava, vamos

## **2. FALAR DO SUL**

- divide-se em subfalares

**2.1. Baiano** - estados de Sergipe, Bahia, norte de Minas Gerais, centro de Goiás

**2.2. Fluminense** - estados de Espírito Santo, Rio de Janeiro, leste de Minas Gerais

**2.3. Mineiro** - resto de Minas Gerais

**2.4. Sulista** - estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, sul de Minas Gerais, sul de Goiás

Temos que anotar que os dialectos do sul têm muitos traços em commum. Uma excepção seria a cidade de Rio de Janeiro qual pronúncia serviu também de norma quanto ao português brasileiro. Mas começemos pelo subfalar baiano.

Quanto au subfalar baiano, um traço é típico para essa região. Falamos de palatalização de |it| numa africada [tʃ] ex. [oitʃu] por oito. Alem disso, temos que mencionar outros estados que representam alguns traços típicos.

Sergipe - monotongação de ditongo |ei| em [e] ex. peixe  
- neutralização entre |n| e |n nasal| ex. ná(não),  
né(não é)  
- palatalização de |k|e |g| antes de |e| e |i|

Bahia e Sergipe - neutralização da oposição |b| e |v| não sistemática

Passamos agora ao subfalar fluminense que é representado sobretudo pelo dialecto do Estado do Rio de Janeiro. Por esta razão mencionamos equi alguns dos traços típicos para esse estado.

Rio de Janeiro - menor fechamento de vogais pretónicas |o| e |e|  
- palatalização de |s| final em |ʃ|  
- |r| aspirado no final da sílaba

Outro dos subfalares a seguir é o subfalar mineiro representado pelo Estado de Minas Gerais.

Minas Gerais - apócope das vogais curtas, ex. parte  
- assimilação de vogais consecutivas, ex. o urubu  
- apócope de |d| nos gerúndios, ex. chovendo  
- mudança de |e| e |o| em [i] e [u]  
- aférese de |e| em palavras iniciadas por |es|, ex. esporte

Último dos subfalares do sul é o sulista, representado por 5 estados. Entre os traços mais típicos dessa região podemos mencionar os seguintes.

Rio Grande do Sul - palatalização de |t| e |d| antes de |i|, ex. quente  
- o diminutivo |inho| é substituído por |ito|  
- a alteração de |e| e |o| a [i] e [u]  
- a forte velarização de |l| quando final da sílaba

São Paulo - mudança de |l| final da palavra a [r], ex. papel  
Santa Catarina - no litoral aparece |s| chiante, em outras regiões está em curso a evolução de |s| predorsodental em chiante

Paraná - |r| vibrante  
- o vogal |u| passa em ditongo [ui]  
- a redução do ditongo |ey| a [e]

Dentro do dialeto Sulista existe uma zona que compreende o norte do Paraná, o Sul de São Paulo e o Mato Grosso do Sul. Para esta zona é típico a conservação do |e| e |o| finais, a ocorrência das africadas palatais [tʃ] e [dʃ], e o [R] retroflexo.

## **5.1 Principais diferenças linguísticas entre o norte e o sul do Brasil**

Como já dissemos, Antenor Nascentes distinguiu dois principais grupos de dialetos do português brasileiro: o do norte e o do sul. Esta proposta serviu de base para os outros linguistas também.

A fronteira entre os dialetos do sul e os do norte é delimitada por uma zona mais ou menos equidistante das regiões do norte e as do sul. Esta zona começa na foz do rio Mucuri que fica entre os Estados de Espírito Santo e Bahia, e vai até a cidade de Mato Grosso no Estado do Mato Grosso.

Podemos diferenciar três traços fundamentais que distinguem linguisticamente a parte do norte e a do sul do Brasil.

### **1. Abertura das vogais**

As vogais pretónicas nos dialetos do norte são muito mais abertas. Não se trata de diminutivos nem de advérbios. Estas vogais abrem-se extremamente no norte enquanto que no sul, especialmente em São Paulo há tendência de ensurdecê-las.

Ex.: Norte - Setembro [sEtembru], pegar [pEgar]

Sul - domingo [dumingu], pequeno [pikenu]

### **2. Cadência de fala**

A fala de os habitantes das regiões do norte está caracterizada por uma certa melodia, falamos aqui então de uma fala "cantada" no norte e ao contrário da fala "descansada" nas regiões do sul.

### **3. Nasalização**

Ao contrário do Celso Cunha que distingue só dois traços distintivos dos falares do norte e do sul, Pilar Vázquez Cuesta fala mais do terceiro traço. Trata-se da maior nasalização no norte do Brasil. Segundo ela, as vogais tónicas seguidas de nasal que não trava sílaba são muito mais nasalizadas no norte do que no sul. Já que na fala carioca estas vogais são muito mais nasalizadas do que em Portugal, na região do norte a nasalização é ainda dupla e as vogais são pronunciadas como mais longas.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Cuesta, Pilar Vázquez. Mendez da Luz, Maria Albertina. Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Edições 70, 1989. pp.136

## **6. Paraná e a sua situação linguística como exemplo da complexidade da situação dialectal no Brasil**

Consideramos conveniente escrever algumas linhas sobre a história do Paraná e sobretudo sobre o povoamento que nela ocorreu durante vários séculos porque isto certamente deixou vestígios na fala dos paranaenses de hoje assim que dedicar um capítulo inteiro à dialectologia paranaense enumerando as obras mais importantes consagradas à variação linguística dessa região.

### **6.1 Algumas notas sobre o povoamento do Paraná**

O Estado de Paraná é um território muito diversificado quanto aos seus habitantes. Este território é ocupado practicamente desde o início da colonização paranaense até aos anos 70 do século XX. Primeiro do lado espanhol e mais tarde do lado do próprio estado através das concessões de terras.

O povoamento do Paraná ocorreu em três ondas colonizadoras começando pelo litoral e continuando para o interior do estado. Falamos portanto do „Paraná tradicional“ (Litoral), e „Paraná moderno“ (Norte e Sudoeste/Oeste).

Antes de caracterizar essas diversas regiões, consideramos necessário mencionar os primeiros habitantes do Paraná - índios, que exerceram uma das maiores influências não só no território paranaense mas em todo o Brasil.

É difícil determinar exactamente o território do índio paranaense e assim também os vários grupos porque as fronteiras que os portugueses criaram não podem ser consideradas como naturais para os índios. É mais pelo estilo da vida, pelos instrumentos e pelas técnicas próprias aos índios que se fez a divisão aproximativa.

No território paranaense apareceram dois grandes grupos indígenas. O da família tupi-guarani que ocupava o litoral, noroeste e oeste. Eles foram os primeiros a entrar em contato com os portugueses. O segundo grupo, a família dos ges dos quais se destacaram os caingangues e os xoklêngs, não é tão bem estudado como o dos tupis.

A influência dos índios na fala dos paranaenses é evidente e os termos aparecem diariamente, como por exemplo Paraná, Curitiba, Iguaçu, Tibagi, canjica, butiá, etc. Actualmente são 3300 índios no Estado de Paraná.

Mas voltamos a nossa divisão do Paraná tradicional e o Paraná moderno.

### **6.1.1 Paraná tradicional**

O „Paraná tradicional“ iniciou no século XVII pela chegada dos portugueses que se interessavam pelo ouro lá encontrado e continuou no século XVIII, com base na pecuária quando apareceram grandes centros de criação de gado. Antes, os portugueses não se interessavam muito pelas vias e os problemas de transporte. Surgiram então os chamados caminhos usados primeiro pelos índios, mais tarde pelos bandeirantes, que no século XVIII se transformaram em caminhos de tropas. O tropeiro foi uma personagem típica que desempenhava o trabalho do correio, trazia as notícias, era portador de bilhetes, recados e intermediário de vários negócios.

Os tropeiros usavam como animal de transporte o burro, porque este era mais resistente para as longas viagens e suportava melhor o peso do que por exemplo o cavalo. Foi justamente o tropeiro que trouxe ao Paraná vários termos de origem castelhana como por exemplo churrasco, rabicho, chimango, bombacha, poncho, etc.

Na metade do século XIX, o Paraná foi ainda mal povoada. Por isso, o governo imperial decidiu acelerar a imigração

européia para que o Brasil não se tornasse um país negro. Começaram então a surgir as primeiras colônias formadas pelos alemães, suíços, franceses, e outras formadas pelos poloneses, italianos e russos, sobretudo ao redor da capital de Curitiba. Segundo algumas teorias, os estrangeiros não influenciaram muito o vocabulário paranaense mas sobretudo a maneira de fala e o modo de pronunciar algumas palavras.

*„Assim é que o paranaense, sem incorporar nenhum termo russo-alemão, ficou com seu modo característico de falar claro, duro e imperativo. Todas as sílabas são pronunciadas como se fôssem feitas por aglutinação monossilábica: Cu-ri-ti-ba, lei-te quen-te.“<sup>19</sup>*

### **6.1.2 Paraná moderno**

O „Paraná moderno“ data do século XX - um século da grande exportação do café. Este produto, ocupando o norte do estado, substituiu a erva-mate. No final da década dos anos 50, o Paraná tornou-se o maior produtor brasileiro do café (até 60% da total nacional). É claro, que a cafeicultura atirou não só os imigrantes europeus mas entre outros apareceram também os chegantes de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, e outras regiões do país. Assim podemos dizer que o norte, não só pelas origens mas também linguisticamente, ficou mais diretamente ligado a São Paulo enquanto que o sudoeste e oeste ficou ligado ao Rio Grande do Sul.<sup>20</sup> As regiões se distinguem linguisticamente de modo que o norte tem mais traços em comum com o São Paulo e o sudoeste e oeste está linguisticamente mais ligado ao Rio Grande do Sul.

Mas a partir dos anos setenta, a produção de café está pouco e pouco a decair. Os produtores não querem mais expor se

---

<sup>19</sup> Dorfmond, Luiza P. Geografia e História do Paraná. São Paulo: Editôra F.T.D. pp.180

<sup>20</sup> Aguilera, Vanderci de Andrade. Atlas lingüístico do Paraná Vol.I. São Paulo: Assis, 1990. pp.21

às perdas na produção do café. Sobretudo no sudoeste e oeste começa então a cultura de grãos que se espalha mais tarde por todo o estado. Aumenta a migração e a imigração (sobretudo os japoneses), o que ajuda a acelerar o processo de urbanização.

Assim podemos ver que o Paraná é um estado com muita diversidade cultural e étnica que merece o interesse dos linguistas por causa do contato linguístico que aqui ocorreu. Apareceram vários grupos étnicos que directamente ou indirectamente influenciaram não só a linguagem paranaense mas também os hábitos e ajudaram assim a criar uma imagem peculiar e interessante desse estado.

## **6.2 Algumas palavras sobre a dialectologia do Estado de Paraná (obras fonéticas)**

As obras dialetológicas no Paraná são ainda hoje em dia poucas. Ainda mais os livros falando sobre a fonética. A maioria das obras dialetológicas é consagrada ao léxico e a fonética fica de lado. Vamos mencionar aqui as poucas obras dedicadas aos traços fonéticos do Paraná.

As primeiras observações das diferenças linguísticas no Paraná datam do início do século XIX. Estas devem-se ao Auguste de Saint-Hilaire, que, viajando pelos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, publicou o seu livro *Viagem a Curitiba e Santa Catarina*. Nesta obra, o autor fala da pronúncia dos habitantes dos Campos Gerais e Curitiba e afirma que o português falado nestas regiões é muito mais correcto do que o português falado por exemplo em arredores de São Paulo. Afirma também que a linguagem não apresenta os traços indígenas.

*Não é, pois, de admirar que os habitantes dos Campos Gerais, apesar de sua profunda ignorância, falem um português muito mais correto do que os que habitam os arredores da cidade de São Paulo; eles não pronunciam, por exemplo, o ch como se fosse [tʃ], nem*

o g como [d ]. Essas modificações foram introduzidas pelos índios na língua portuguesa, e os colonos dos distritos de Castro e de Curitiba pouco contato têm com os indígenas.<sup>21</sup>

Outro livro que temos que mencionar é *Passeio a Minha Terra* de um escritor paranaense José Correia Coelho. Esta obra é uma colectânea das informações que provêm da sua viagem no Paraná em 1844. O autor fala, entre outros, da influência castelhana na linguagem paranaense.

Não podemos deixar de lado o famoso linguista Serafim da Silva Neto e a sua *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* publicada em 1950 na qual o autor apresenta alguns exemplos das pronúncias regionais, entre outras, a paranaense também.

Na metade do século XX, um grupo de estudantes interessava-se na linguagem do sul e litoral, particularmente da baía de Guaraqueçaba. Assim surgiu a *Contribuição para um Inquérito Linguístico no Litoral do Paraná* de Serafina T.Borges do Amaral.

Além dessas obras apareceram também outras nas quais os autores compararam os traços paranaenses com os dos outros estados. Assim em *A Linguagem da depressão central gaúcha e a dos campos gerais*, Ennio José Toniolo compara os falares de Santa Maria (RS) e Ponta Grossa, localidades ligadas pelo tropeirismo<sup>22</sup>. Therezinha M.M. Andretta na sua obra *Algumas particularidades linguísticas de Laranjeiras do Sul* comparou os falares entre Laranjeiras do Sul e o Erechim.

José Luiz Mercer interessava-se também na localidade da Guaraqueçaba e publicou a obra *Notas dialetológicas sobre Guaraqueçaba*.

---

<sup>21</sup> Mercer, José Luiz da Veiga. Áreas fonéticas do Paraná, vol.I. Curitiba, 1992. pp. 26

<sup>22</sup> O tropeirismo - o termo deriva de tropa - uma actividade itinerante desenvolvida por grupos de homens, os tropeiros durante a época colonial do Brasil. Os tropeiros conduziam o gado, do Rio Grande do Sul para Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro e, ao mesmo tempo, levavam consigo bens essenciais para o interior.  
<https://www.infopedia.pt/Stropeirismo-do-brasil> (06/04/2009)

Existem obras que tratam dos traços particulares de certas regiões, como por exemplo: *O | -l | implosivo na linguagem pontagrossense* de Glacy Camargo Sêcco, *O apagamento dos ditongos decrescentes orais no sudoeste do Paraná* de Denise Aparecida S. de Barros Ribeiro e outras.

Entre outros, temos que mencionar ainda „*Le lexique technique des Pêcheurs de Guaraqueçaba (Brésil)*“ de Mercer, „*Aspectos linguísticos da fala londrinense*“ de Vanderci de Andrade Aguilera, etc.

Quando falamos das obras dialectológicas do Estado de Paraná, não podemos esquecer uma das mais importantes obras - *O Atlas Linguístico do Paraná*. O capítulo seguinte é consagrado a esta obra.

### **6.2.1 Atlas Linguístico do Paraná (ALPR) - 1990**

O Atlas linguístico do Paraná é quinto atlas linguístico do país publicado em 1990. Ele foi publicado como uma tese de doutoramento da professora Vanderci de Andrade Aguilera. A obra tem por objectivo o maior conhecimento da língua falada no Estado de Paraná, determinar o grau da influência de diferentes grupos étnicos no Paraná mas também criar uma obra que poderá ajudar os estudantes no estudo da linguagem paranaense. O atlas estuda as variantes lexicais e fonéticas mas também a delimitação de isoglossas.

Quanto às localidades, estas foram seleccionadas 65 e numeradas de 1 a 65 em direcção do oeste ao leste e do norte ao sul.

Aqui são os 65 pontos linguísticos:

- |                      |                       |
|----------------------|-----------------------|
| 1- Diamante do Norte | 34- Campina da Lagoa  |
| 2- Santo Inácio      | 35- Manoel Ribas      |
| 3- Preimeiro de Maio | 36- Castro            |
| 4- Bandeirantes      | 37- Cerro Azul        |
| 5- Cambará           | 38- Adrianópolis      |
| 6- Jacarezinho       | 39- Cascavel          |
| 7- Loanda            | 40- Guaraniaçu        |
| 8- Paranavai         | 41- Pitanga           |
| 9- Maringá           | 42- Prudentópolis     |
| 10- Jaguapitã        | 43- Ponta Grossa      |
| 11- Londrina         | 44- Rio Branco do Sul |
| 12- Jataizinho       | 45- Antonina          |

13- Ribeirão do Pinhal	46- Guaraqueçaba
14- Querência do Norte	47- Foz do Iguaçu
15- Cianorte	48- Capanema
16- Apucarana	49- Dois Vizinhos
17- São Jerônimo da Serra	50- Laranjeiras do Sul
18- Ibaiti	51- Guarapuava
19- Siqueira Campos	52- Irati
20- São José da Boa Vista	53- Palmeira
21- Umuarama	54- Curitiba
22- Crezeiro do Oeste	55- Paranaguá
23- Peabiru	56- Barracão
24- São Pedro do Ivaí	57- Francisco Beltrão
25- Ortigueira	58- Pato Branco
26- Jaguariaíva	59- Mangueirinha
27- Guairá	60- Palmas
28- Goio-erê	61- União da Vitória
29- Campo Mourão	62- São Mateus do Sul
30- Ivaiporã	63- Lapa
31- Tibagi	64- Rio Negro
32- Marechal Cândido Rondon	65- Guaratuba
33- Assis Chateaubriand	

Os informantes são as pessoas com baixa ou nenhuma escolaridade, que nasceram na localidade, viveram lá durante a maior parte da sua vida e casaram uma pessoa da mesma localidade. São ou foram os agricultores que não viajavam, e quando homens, não fizeram o serviço militar. Foram 130 informantes entrevistados entre 30 e 60 anos, em cada localidade uma mulher e um homem.

As entrevistas são compostas pelas perguntas, na maioria indireitas.

Esta obra é uma colectânea de 191 cartas diferenciadas entre as cartas lexicais (1-92), cartas fonéticas (93-162) e cartas isoglóssicas ou sintácticas (163-191).

Os campos semânticos são **Terra e Homem**. Podemos apresentar aqui um quadro que demonstra o número de questões dos diferentes campos semânticos.<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> [http://www.faccar.com.br/desletras/hist/2005\\_g/2005/textos/012.html](http://www.faccar.com.br/desletras/hist/2005_g/2005/textos/012.html) (06/02/2009)

	Áreas semânticas	Total de questões	Questões cartografadas	Questões inéditas	
				Total	Percentual
T E R R A	Natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo.	58	35	23	39,65%
	Flora, árvores, frutos	29	17	12	41,37%
	Plantas medicinais	16	05	11	68,75%
	Fauna: aves, pássaros, outros animais	52	26	26	50%
H O M E N	Partes do corpo, funções, doenças	107	23	84	78,50%
	Vestuário e calçados	14	02	12	85,71%
	Agricultura, instrumentos agrícolas	29	08	21	72,41%
	Brinquedos e jogos infantis	13	07	06	46,15%
	Lendas e superstições	07	0	07	100%

## 7. Traços linguísticos no Paraná

Este capítulo está consagrado aos traços linguísticos do Estado de Paraná. Tentaremos escolher os mais específicos e característicos para esse estado baseando-se nas características feitas por três linguistas: Vanderci de Andrade Aguilera, José Luiz da Veiga Mercer e Serafim da Silva Neto<sup>24</sup>. De base serve-nos a publicação *Áreas fonéticas do Paraná, vol.II - Cartas* de José Luiz da Veiga Mercer através da qual analisaremos os diversos traços linguísticos que nos parecem os mais significativos. As cartas utilizadas para a nossa análise encontram-se no anexo. Cada traço será analisado através das palavras escolhidas pelo autor. Os únicos traços sem palavras concretas são os dois primeiros: a conservação de |e| átono final, precedido de |t| ou |d|, e a palatalização de |t| e |d| seguidos de |e| em sílaba átona final. Infelizmente o autor não mencionou nenhuma palavra através da qual poderíamos estudar esses dois traços.

### 7.1 Conservação de |e| átono final, precedido de |t| ou |d|

A conservação de |e| átono na sílaba final é certamente um dos traços mais elevados no Paraná.

Vários linguistas, inclusive Vanderci de Andrade Aguilera ou José Luiz da Veiga Mercer, estão de acordo que este traço representa uma das características marcantes do falar paranaense.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> Mercer, José Luiz da Veiga. *Áreas fonéticas do Paraná. vol.I.* Curitiba, 1992.  
Aguilera, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná Vol.I.*São Paulo: Assis, 1990.  
Silva Neto, Serafim da. *História da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Presença, 1986. pp.628

<sup>25</sup> Mercer, José Luiz da Veiga. *Áreas fonéticas do Paraná. vol.I.* Curitiba, 1992.pp.71

Quando falamos da conservação de |e| átono final, este pronuncia-se como [e] anterior semifechada. Se não há conservação, trata-se de [i] anterior fechado. Este traço será analisado através das cartas 44 e 45 (anexo-pp.70,71)

Temos que apontar que este traço não é comum a todo o estado. Segundo Aguilera, o território paranaense está separado em duas partes características pela conservação ou não-conservação de |e| átono final.<sup>26</sup> Este facto da divisão do estado em duas partes está provavelmente ligado ao processo da colonização deste estado. A autora confirma a existência de uma isófona que separa a parte sudeste, que representa mais ou menos o Paraná Tradicional, do resto do território. A conservação de |e| átono final é justamente típico para a região metropolitana e continua mais ao sudoeste, abrangendo as mesoregiões 5-10<sup>27</sup> (anexo-pp.68). É isso que Mercer chama o Paraná do "leite quente".<sup>28</sup>

Olhando a carta 44, podemos ver que a divisão do território paranaense em duas partes mostra-se como correcto. José Luiz Veiga Mercer, na sua carta 44, vem mostrar-nos que a concentração do alçamento de |e| átono na sílaba final é bem elevado na região sudeste e também sudoeste e confirma assim a afirmação de Vanderci Aguilera de Andrade.

Na carta seguinte - carta 45, Mercer especifica mais esta divisão. O autor delimitou mais as áreas de alta e baixa frequência. Assim podemos ver que a região noroeste representa uma área de alta frequência comparando com as outras regiões. O nível atinge até 75,5% - 100% da concentração da vogal concernada. Além dessas duas zonas, a carta 45 mostra-nos mais uma zona de transição que separa essas duas áreas.

Analisando as duas cartas 44 e 45, nós podemos confirmar que, no que concerne a conservação de |e| átono final, o norte

---

<sup>26</sup> Mercer, José Luiz da Veiga. Áreas fonéticas do Paraná. vol.I. Curitiba, 1992. pp.71

<sup>27</sup> José Luiz da Veiga Mercer dividiu o território do Paraná em várias regiões pequenas que chama „mesoregiões“

<sup>28</sup> Mercer, José Luiz da Veiga. Áreas fonéticas do Paraná. vol.I. Curitiba, 1992. pp.105

do estado, sendo a região progressiva, difere plenamente do resto.

## **7.2 Palatalização de |t| e |d| seguidos de |e| em sílaba átona final**

Ao lado de conservação de |e| átono na sílaba final, o fenómeno de palatalização é mais um dos traços mais significantes do Estado de Paraná. São esses dois traços, reconhecidos a primeira vista por visitantes deste estado.

O facto de palatalização de |t| e |d| diante de |i| significa a mudança dessas consoantes em africadas palatais surda [tʃ] e sonora [dʒ]. Quando não há palatalização, estas consoantes realizam-se como as oclusivas linguodentais surda e sonora.

De ajuda para a nossa análise servem-nos as cartas 46, 47 e 49 (anexo-pp.72,73,74).

Para começar este capítulo, temos que apontar que a palatalização da surda |t| e da sonora |d| diante de |i| é geral a todo o Paraná. Existem focos de maior ou menor ocorrência deste fenómeno mas em geral, não podemos distinguir as zonas separadas de palatalização ou não-palatalização.

Mas ao lado de palatalização de |t| e |d| seguidos de |i| existe também a palatalização dessas consoantes quando seguidas de |e|. Isto mostra-se como o caso diferente. Para o nosso estudo, esse facto revela-se muito mais interessante por que através desse traço, podemos dividir o Paraná em áreas fonéticas.

Não é nada surpreendente que a área de palatalização vai ser a parte setentrional do território paranaense. Como o fenómeno de palatalização está condicionado pela conservação de |e| átono final, o resultado não podia ser outro. A parte meridional, sendo conservadora em que consiste a conservação de |e| átono final, mostra-se como área onde a palatalização

de |t| e |d| atinge o mínimo. É uma área de baixa frequência de palatalização comparando com a parte setentrional.

Porém, como se vê nas cartas 46 e 47, a palatalização da surda |t| mostra-se mais sistemática do que a palatalização da sonora |d|. A alta frequência (76%-100%) de palatalização de |t| estende-se mais ou menos por toda a parte setentrional, enquanto que o nível de palatalização de |d| está representado só por três pontos de entrevista contra os vinte e dois de ocorrência de |t| palatalizado.

A carta 49 traz-nos duas isófonas que delimitam o traço de palatalização de |t| e |d| no território paranaense. Como podemos constatar, a isófona da consoante surda corresponde quase identicamente à isófona da conservação de |e| átono na sílaba final. Quanto à isófona da sonora, esta vai desviar-se um pouco ao norte do estado.

Segundo esta análise, podemos confirmar que o traço de palatalização, mesmo como o de conservação de |e| átono final, é bem característico para a zona do norte do estado, enquanto que na zona do sul quase não aparece.

### **7.3 Ditongação das vogais tónicas |a| e |u| seguidas de |s| ou |z|**

Outro dos traços linguísticos paranaenses é a ditongação da vogal tónica quando seguida de |s| ou |z| finais. Estas vogais ditongam com a semivogal [j]. O facto da ditongação será analisado através das cartas 34 e 35 (anexo-pp.75,76) utilizando as palavras *paz* e *cruz*.

A distribuição deste fenómeno é mais ou menos parecida aos dois traços precedentes.

Se olhar as cartas 34 e 35, a ditongação das duas vogais aparece na parte setentrional mas também na região metropolitana.

Quanto à ditongação da vogal |a|, esta ocorre sistematicamente na região metropolitana no sudeste e continua pelo nordeste até o noroeste. Trata-se de 65 pontos do total 111. Segundo a carta 34, podemos confirmar que existem focos com a maior frequência. Estes focos encontram-se na parte sudeste - região metropolitana (15 pontos) e no extremo nordeste (16 pontos) que coincide mais ou menos com a mesoregião 4 e mais aparece uma linha no extremo noroeste.

No que concerne a ditongação da vogal |u| em palavra *cruz*, essa já é menos frequente do que a da vogal |a| (43 pontos dos 111). Mas mesmo que a frequência seja menor, a distribuição parece semelhante. Para provar essa afirmação, vejamos a carta 35. Nela podemos ver que a frequência é realmente menor e a distribuição é semelhante.

José Luiz da Veiga Mercer acrescenta mais uma carta - 36 (anexo-pp.77), na qual delimita as fronteiras aproximativas da ocorrência da ditongação de |a| e |u|. Observamos que as duas fronteiras são muito semelhantes mas mesmo assim, aparecem aqui dois grandes desvios. Um na parte do extremo noroeste e outro que está representado por uma linha da ditongação da vogal |a|. Esta segunda, ao contrário da vogal |u|, continua da região metropolitana em direção sudoeste e vai até a mesoregião 8.

As cartas analisadas confirmam-nos que o traço da palatalização é característico para a região metropolitana e a região norte e, ao contrário, quase não aparece na parte sul e sudeste.

#### **7.4 Realizações de |l|**

Nas seguintes análises podemos encontrar quatro variantes da realização de |l| em várias posições. Trata-se da lateral apicoalveolar [l], a alveolar ou retroflexa [L], a semivogal

velar [w ], e o encontro consonantal [lj] quando o |l| está seguido de |i|.

#### **7.4.1 Realização de |l| em trava de sílaba**

O consoante em trava de sílaba encontra-se sempre na última posição da sílaba.

O consoante |l| em trava de sílaba realiza-se em três variantes: a lateral apicoalveolar [l], a alveolar ou retroflexa [L], e a semivogal velar [w].

Este facto será analisado na carta 10 (anexo-pp.78) através da palavra *revólver*.

Quanto à frequência das três realizações, essa é mais ou menos semelhante e todas as realizações podem ser encontradas em qualquer zona do território paranaense. Porém, podemos encontrar focos com a maior concentração de cada das variantes.

No que diz respeito à semivogal [w], esta tem maior ocorrência na parte setentrional, mais precisamente na parte noroeste. Observamos na carta 10 que a parte do extremo nordeste corresponde a zona de maior ocorrência da alveolar [L] (13 pontos do total 37 dessa realização). E por terminar, constatamos que a maior frequência da presença da lateral [l] encontra-se na parte sudoeste do território (14 dos 22 pontos dessa realização no total).

#### **7.4.2 Realização de |l| em grupo consonantal**

Para esse estudo, o autor José Luiz da Veiga Mercer escolheu a palavra *Clara*. O fenómeno será analisado na carta 13 (anexo-pp.79).

Observando a carta 13, podemos ver que a realização mais frequente é a da lateral [l]. Essa aparece em todo o território paranaense.

O ponto interessante encontra-se na parte setentrional, mais precisamente na parte nordeste. Aqui o |l| realiza-se mais como o [L] alveolar ou retroflexo. Essa variante atinge 26 pontos do inquérito do total 108.

#### **7.4.3 Realização de |l| seguido de |i|**

A consoante |l| diante de |i| realiza-se ou como [lj] ou como [λ]. Para a nossa análise serve-nos a carta 15 (anexo-pp.80) que estuda este fenómeno através da palavra *família*.

Observamos que o |l| quando seguido de |i| realiza-se sobretudo como [lj], e isso ocorre mais ou menos em todo o estado. Porém, a palatalização de |l| seguido de |i| é bastante frequente. Se olhar a carta 15, o |l| em palavra *família* é muitas vezes palatalizado e passa assim a [λ]. Temos que apontar que existe uma zona onde a frequência de palatalização é mais elevada (8 pontos dos 19 dessa realização). Esta encontra-se na parte setentrional, mais na parte noroeste que corresponde as mesoregiões 1-3. Assim não aparece no sudoeste e no litoral.

Falando das realizações de |l|, podemos delimitar uma zona no norte que está característica pela aparência da semivogal [w], da alveolar [L], e da palatal [λ]. De outro lado temos a parte meridional que dispõe mais da variante lateral [l].

## 7.5 Realização de |n| seguido de |i|

O |n| seguido de |i| pode realizar-se como a palatal [ɲ], como a oclusiva alveolar [n], ou como o encontro consonantal [nj].

O fenómeno será analisado através da carta 9 (anexo-pp.81) com ajuda da palavra *António*.

Para começar, temos que afirmar que a palatalização de |n| diante de |i| é mais frequente do que a palatalização da lateral |l|. Em porcentagem, a palatalização da lateral dá-se em 26,1%, enquanto que a da nasal em 45,7%.<sup>29</sup>

A palatalização estende-se sistematicamente por todo o estado, com excepção de alguns focos de maior concentração de não-palatalização. Se olhar a carta 9, podemos ver que estes encontram-se em torno do ponto 114, na parte noroeste, depois na parte sudoeste onde aparece uma linha que se estende pelo extremo sul, e na parte litoral.

Depois de analisar a carta 9, podemos confirmar que este traço de palatalização da nasal |n| é comum a todo o Paraná aparecendo em todas as regiões do estado.

## 7.6 Assimilação de |d| antecedido de nasal tónica

O fenómeno de assimilação é um processo durante o qual uma consoante assimila a outra, quer dizer que a segunda consoante desaparece.

Este facto será estudado na carta 8 (anexo-pp.82) através da palavra *fervendo*.

A assimilação de |d| pela nasal antecedente nos gerúndios representa outro dos traços que não são comuns a todo o estado e aparecem muito pouco.

---

<sup>29</sup> Mercer, José Luiz da Veiga. Áreas fonéticas do Paraná. vol.I. Curitiba, 1992. pp.77

Este fenómeno não é nada sistemático no Paraná. Em apenas 19 respostas das 107 no total constatou-se a assimilação total de |d| na palavra *ferendo*.<sup>30</sup>

Mas mesmo assim, segundo a carta 8, podemos afirmar que esse traço aparece mais frequentemente na zona noroeste.

## **7.7 Retroflexão de |r|**

Encontramos duas variantes da realização de |r| nas seguintes análises. A variante apical que se realiza como [r] vibrante alveolar e a variante velar que está representada por [R] velar retroflexo. A retroflexão é uma inclinação ou flexão para trás.

### **7.7.1 Realização de |r| precedido de vogal nasal**

Como ajuda serve-nos a carta 18 (anexo-pp.83) de José Luiz da Veiga Mercer que estuda este fenómeno através da palavra *genro*.

Olhando esta carta, observamos que o autor distingue as variantes apicais e velares.

Quanto à retroflexão de |r| precedido da vogal nasal, esta aparece quase unicamente na parte setentrional (26 do total de 107 pontos). Ao contrário, podemos ver que a parte meridional não dispõe nada de essa variante. Este fenómeno é assim típico para o norte do estado.

---

<sup>30</sup> Mercer, José Luiz da Veiga. Áreas fonéticas do Paraná. vol.I. Curitiba, 1992. pp.73

### 7.7.2 Realização de |r| em posição inicial

Outra das realizações estudadas é a realização de |r| em posição inicial.

Observando a carta 20 (anexo-pp.84) em palavra *revólver*, podemos ver que a retroflexão aparece quase identicamente como no caso precedente de |r| precedido de vogal nasal. Como se vê na carta, a realização retroflexa aparece praticamente só na parte setentrional. Na parte meridional, a retroflexão realiza-se só num caso, isto é no ponto 280 no extremo sudoeste.

### 7.7.3 Realização de |r| em trava de sílaba

A retroflexão de |r| em trava de sílaba é muito frequente. Porém muitas vezes depende de tonicidade da sílaba. Quanto mais forte a sílaba, maior a possibilidade de retroflexão.<sup>31</sup>

O Autor mostra esse fenómeno através da carta 24 (anexo-pp.85) nas palavras *calor*, *fervendo* e *gordura*.

Enquanto que na palavra *calor*, a frequência atinge quase 92% dos pontos, com as duas outras palavras, a frequência diminui<sup>32</sup>.

Como se vê na carta 24, a retroflexão já não é tão sistemática como por exemplo no caso de |r| precedido de vogal nasal ou na posição inicial. Mesmo assim, podemos dizer que a retroflexão concentra-se em dois focos que se encontram na parte setentrional. Assim, podemos afirmar que quanto a esta realização, a parte setentrional dispõe mais da reflexão do que a parte meridional (34 pontos no norte contra os 26 no sul).

---

<sup>31</sup> Mercer, José Luiz da Veiga. Áreas fonéticas do Paraná. vol.I. Curitiba, 1992. pp.87

<sup>32</sup> Mercer, José Luiz da Veiga. Áreas fonéticas do Paraná. vol.I. Curitiba, 1992. pp.87

Todavia temos que mencionar uma linha sistemática de aparecimento de reflexão total de |r| em trava de sílaba que se encontra na parte meridional. Esta começa pelo ponto 203 e continua até o ponto 241A abrangendo 6 pontos no total.

Para terminar o tema de fenómeno de reflexão de |r| em várias posições, temos que afirmar que este é típico para a parte setentrional do território paranaense. Portanto José Luiz da Veiga Mercer separou a parte setentrional da parte meridional através de duas isófonas das realizações de |r|.

A primeira isófona distingue a parte noroeste e a segunda a parte sul. Entre as duas isófonas existe uma zona de transição na qual aparecem tanto as variantes apicais como as variantes velares. As duas isófonas podem ser observadas na carta 21 (anexo-pp.86).

## **7.8 Realização do encontro consonantal |dv|**

De exemplo serve-nos a palavra *advogado* que está estudada na carta 26 (anexo-pp.87). Com certeza podemos afirmar, que o encontro consonantal |dv| realiza-se com a inclusão da vogal epentética |e|. Este fenómeno é geral a todo o território do estado. Assim a palavra tem cinco sílabas abertas em vez de quatro.

Além do território paranaense, este fenómeno aparece practicamente em todo o território brasileiro. Porém, o autor José Luiz da Veiga Mercer escolheu este traço como um dos típicos do Estado de Paraná.

Mas temos que anotar que a vogal epentética |e| pode sofrer alçamento e assim pode causar a africacão e palatalização de |d|. Assim o encontro consonantal |dv| realiza-se como [d iv]. Existem dois pequenos focos dessa realização que se encontram na parte setentrional. Mas mesmo assim, podemos confirmar que a intercalação da vogal |e| entre

|d| e |v| é típica para todo o estado e ocorre em todas as localidades estudadas.

### **7.9 Realização de |s| em trava de sílaba**

A realização apicoalveolar é característica para todo o estado e pode ser encontrada em qualquer lugar do território paranaense. Isto está mais ou menos confirmado por Serafim da Silva Neto, ainda que ele distingue a parte do norte do estado e o une ao sul de São Paulo e ao sul de Mato Grosso.<sup>33</sup> Ele fala de três traços típicos dessa região. Os dois primeiros, que são a palatalização de |t| e |d| e a retroflexão de |r|, já estudámos nos capítulos precedentes. Serafim da Silva Neto acrescenta mais o terceiro traço que é justamente a variante apicoalveolar de |s| que apresenta como típica de essa região. Porém, não podemos dizer que a variante predorsodental não esteja presente também. Infelizmente, nenhuma carta foi encontrada por este fenómeno.

---

<sup>33</sup> Silva Neto, Serafim da. História da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Presença, 1986. pp.628

## 8. As zonas fonéticas do Paraná

*Há que falar, agora, de uma área muito carregada de tipicismo: estende-se por três estados: sul de São Paulo, sul de Mato Grosso, e norte do Paraná, mas devemos reconhecer que está ainda longe de ter sido traçada com rigor<sup>34</sup>.*

Nós tentaremos agora analisar o território paranaense e dividi-lo em zonas ou subzonas fonéticas, baseando-se nas cartas fonéticas de José Luiz da Veiga Mercer. Tentaremos assim confirmar ou não a afirmação precedente de Serafim da Silva Neto que apresentou a zona norte do estado como diferente e específica quanto aos diferentes traços linguísticos.

### 8.1 Principais isófonas

Podemos distinguir quatro grandes isófonas que distinguem a área sul da área norte. Trata-se dos traços fonéticos marcantes das áreas particulares e que aparecem só numa parte e não na outra.

Temos que apontar que os três autores, Vanderci de Andrade Aguilera, José Luiz da Veiga Mercer e Serafim da Silva Neto, falam de alguns traços através dos quais podemos dividir o Paraná em várias zonas.

Através das isófonas distinguimos duas grandes áreas - a do norte e a do sul. Quanto às quatro isófonas, estas são as seguintes (anexo-pp.69).

- a) ditongação de |a| tónico final seguido de |s| ou |z|
- b) ditongação de |u| tónico final seguido de |s| ou |z|
- c) conservação de |e| átono final
- d) realização apical de |r|

---

<sup>34</sup> Silva Neto, Serafim da. História da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Presença, 1986. pp.628

Temos que notar que os dois últimos traços que é a conservação de |e| átono final e a realização apical de |r| são os mais reconhecidos como distintivos entre a parte setentrional e a parte meridional. A autora do Atlas Linguístico do Paraná, Vanderci de Andrade Aguilera, considera esses dois traços como básicos na delimitação das áreas linguísticas no território paranaense.

Mas o facto interessante é que, olhando as quatro isófonas, os três autores estão praticamente de acordo só com uma delas. É a realização apical de |r|. Em consequência disso, podemos afirmar que este fenómeno linguístico é o principal traço que divide o território paranaense em duas grandes áreas e representa assim uma fronteira fonética entre o norte e o sul do estado.

Ao lado da isófona de realização de |r| existe a segunda que tem mais ou menos a mesma trajectória. É justamente a isófona de conservação de |e| átono final. As duas linhas cruzam o território do leste a oeste e dividem-no em duas partes quase iguais quanto à extensão.

Quanto as duas primeiras isófonas, estas também seguem mais ou menos a mesma trajectória. Abrangem a parte setentrional mas continuam em direcção ao sul pelo litoral, pela região metropolitana e mais ao lado da fronteira sulista.

A grande oposição desses dois grupos de isófonas é justamente a delimitação dos traços linguísticos. Enquanto que a ditongação é própria a parte setentrional, a realização apical de |r| e a conservação de |e| átono final são dominantes na parte meridional do território paranaense.

Podemos dizer que as quatro linhas dividem o Paraná em norte e sul mas delimitam também uma zona no sudeste que se liga ao norte pela ditongação de duas vogais tónicas finais.

Estudando a carta 2, estamos plenamente de acordo com a divisão em duas grandes zonas. As quatro isófonas são bem visíveis e separam claramente o território paranaense em norte e sul.

## 8.2 Outras isófonas

Mesmo que os outros linguistas não distinguem mais outras isófonas, José Luiz da Veiga Mercer afirma que, além de quatro isófonas já mencionadas, existem dois outros conjuntos de isófonas que separam mais a parte do norte e a do sul em subzonas fonéticas. Assim, o primeiro conjunto delimita uma parte no noroeste e o segundo a parte sudoeste.<sup>35</sup> Analisando os traços fonéticos mencionados no capítulo *Traços linguísticos no Paraná*, encontramos as seguintes isófonas que delimitam ainda mais as partes do norte e as do sul.

Quanto à parte setentrional, José Luiz da Veiga Mercer distingue as seguintes isófonas.

- a) realização velar de |r|
- b) alta frequência de alçamento de |e| átono final
- c) realização de |l| em trava de sílaba por [w]

A área que delimitamos através das três isófonas é a subárea noroeste que compreende as mesoregiões 1, 2 e 3.

Observando as cartas no anexo, confirmamos que os traços linguísticos delimitados pelas três isófonas aparecem com maior ou absoluta frequência na área noroeste da parte setentrional do território paranaense.

No que concerne a realização velar de |r|, falamos de |r| retroflexo. Esse fenômeno aparece com a maior frequência na parte noroeste com alguns focos no nordeste. Mas em geral, podemos afirmar que a velarização de |r| concentra-se mais na parte noroeste.

No que diz respeito ao alçamento de |e| átono final, podemos confirmar que este fenômeno é típico para a parte noroeste do território. A delimitação da subárea noroeste mostra-se assim como absolutamente correcta e procedente. Este traço é típico para essa região e não aparece em outros lugares no Paraná.

---

<sup>35</sup> Mercer, José Luiz da Veiga. *Áreas fonéticas do Paraná*. vol.I. Curitiba, 1992. pp.109

Quanto à realização de |l| em trava de sílaba por [w], este traço, como os dois precedentes, é também típico para a subárea noroeste. Este fenómeno aparece quase unicamente nesta área.

Segundo José Luiz da Veiga Mercer, a parte meridional dispõe de um grupo de quatro isófonas. Estas são as seguintes.

- a) conservação de |l| em trava de sílaba como [l] apical
- b) não-ditongação de |a| átono final seguido de |s| ou |z|
- c) não-ditongação de |u| átono final seguido de |s| ou |z|
- d) manutenção de [lj] postónico

Os traços apropriados à subárea sudoeste são sem dúvida típicos para essa região. Porém, a situação é um pouco diferente da da subárea noroeste. Nós concordamos plenamente com as quatro isófonas mas comparando com a situação na parte noroeste, a delimitação da subárea sudoeste não é tão evidente.

Temos que notar que enquanto a subárea noroeste dispõe de limites relativamente claros, a subárea sudoeste não é tão bem delimitada. Enquanto que os traços apropriados à parte noroeste são bem típicos para essa região e normalmente não ultrapassam a fronteira isofónica da subárea, a maioria dos traços da subárea sudoeste ultrapassa essas fronteiras. Aparecem os focos de esses traços também na zona sudeste por exemplo. Este é o caso de não-ditongação de |a| átono final ou a manutenção de [lj] postónico. Outro dos traços, que é a realização de |l| em trava de sílaba por [l] apical, ultrapassa a fronteira em direcção ao noroeste.

O que nos resta dessas áreas são as pequenas regiões na parte nordeste e sudeste. José Luiz da Veiga Mercer chama essas regiões como não-marcadas.<sup>36</sup> Estas regiões não se demarcam por nenhuma isófona. Não dispõem dos traços específicos como os seus vizinhos ou dos traços exclusivos que os delimitassem como as subáreas específicas.

---

<sup>36</sup> Mercer, José Luiz da Veiga. Áreas fonéticas do Paraná. vol.I. Curitiba, 1992. pp.111

## 9. Cosiderações finais - existe uma zona fonética no norte?

Serafim da Silva Neto aponta que a região do norte é típica de vários traços linguísticos que não aparecem no resto do Estado de Paraná. Estes são a africada palatal surda [tʃ], africada palatal sonora [dʒ], ou o [R] retroflexo. Segundo as cartas que analisamos no capítulo precedente, estes traços realmente aparecem nessa região e são típicas para ela. Podemos assim confirmar a sua teoria porque esta mostra-se como absolutamente correcta.

Porém, à base das cartas estudadas, temos que acrescentar outros traços linguísticos considerados também típicos para essa região.

O primeiro e mais importante é o alçamento de |e| átono final. Esse traço distintivo parece-nos o mais importante. Aparece realmente só na parte que chamamos a subárea noroeste. As africadas palatais surda e sonora [tʃ] e [dʒ] dependem justamente desse alçamento.

Acrescentamos mais a realização de |l| em trava de sílaba por [w] que também ocorre nessa região.

Depois de ter analisado todas as cartas disponíveis para esse trabalho, temos que ficar de acordo com a afirmação de Serafim da Silva Neto. Parece-nos lógico que a parte setentrional, mais precisamente a subárea noroeste difere do resto do Estado de Paraná.

Um fenómeno bastante interessante é a ditongação das vogais tónicas finais |a| e |u|. Falamos deste traço como típico da região norte do estado. No entanto, observamos que este traço aparece também na região metropolitana. Uma explicação pode dar-se a esse fenómeno. A ditongação das vogais tónicas finais |a| e |u| foi trazida ao Paraná pelos catarinenses que aqui vieram. Em Santa Catarina, este traço linguístico resultou da ocupação açoriana que aqui ocorreu. Vindo primeiro à região metropolitana, este fenómeno estendeu-

se mais ao norte pelo rio Paraná. É um facto muito interessante porque a região sudoeste ficou protegida desse fenómeno e mostra-se agora como região de não-ditongação das vogais tónicas finais |a| e |u|.

Todos esses traços confirmam que a parte do norte - a subárea noroeste - difere do resto de estado e está característica de fenómenos que não ocorrem ou ocorrem só em número fútil em outras regiões do estado. Por recapitulação falamos de realização velar de |r| - o [R] retroflexo, de alta frequência de alçamento de |e| átono final, de realização de |l| em trava de sílaba como [w], de realização de |lj| postónico como [λ], e de palatalização de |t| e |d| seguidos de |e| em sílaba átona final. Todos esses traços vêm mostrar-nos que a subárea noroeste é uma região característica de fenómenos específicos e que difere plenamente de outras regiões do estado, em particular, da região do sul.

## 10. Conclusão

A variação dialectal no Brasil é um tema muito interessante mas também bastante difícil a estudar. A dialectologia brasileira não é tão bem trabalhada como a portuguesa. As fronteiras linguísticas não são claramente definidas. Assim este estudo parece muito complicado.

Como o estudo da variação linguística de todo o país é um estudo muito complexo, nós concentrámo-nos na linguagem do Paraná, um estado onde a autora passou um ano. O objectivo desse trabalho foi apresentar e caracterizar a linguagem desse estado do ponto de vista fonético. Nós tentamos dividi-lo em zonas fonéticas e encontrar as diferenças entre elas.

O nosso estudo está baseado em cartas elaboradas por José Luiz Veiga Mercer<sup>37</sup>. Nós escolhemos algumas dessas cartas que tratam dos traços mais específicos da região paranaense e através desses traços dividimos o Paraná em diferentes zonas fonéticas. O território paranaense pode ser assim dividido em zona do norte e zona do sul.

Com ajuda dessas cartas, nós tentamos confirmar a afirmação de Serafim da Silva Neto que diz que o Paraná faz parte de uma zona que compreende o sul de Mato Grosso, sul de São Paulo e norte do Paraná. Infelizmente, não tendo bastante materias para estudar as variações linguísticas dos dois primeiros estados, concentrámo-nos só na fala do Estado de Paraná e separámo-lo em diferentes partes linguísticas afirmando que o norte constitui uma zona específica.

Através das cartas estudadas, podemos confirmar que o Estado de Paraná pode ser dividido em duas grandes zonas linguísticas. Existem as isófonas que confirmam este facto de diferenciação. Os três linguistas, José Luiz da Veiga Mercer, Vanderaci de Andrade Aguilera e Serafim da Silva Neto, que estudaram a variação linguística no Paraná, estão de acordo

---

<sup>37</sup> Mercer, José Luiz da Veiga. Áreas fonéticas do Paraná. vol.II-cartas. Curitiba, 1992.

com uma grande isófono. Esta é a realização apical do |r|. José Luiz da Veiga Mercer e Vanderci de Andrade Aguilera acrescentam mais uma grande isófono que é e a manutenção de |e| átono final. José Luiz da Veiga Mercer fala mais das isófonas de ditongação de |a| e |u|.

Mas temos que notar que José Luiz da Veiga Mercer acrescentou mais dois grupos de isófonas e dividiu assim o território paranaense não só em duas mas em quatro partes.

Quanto à região setentrional, falamos das seguintes isófonas: a realização velar de |r|, a alta frequência de alçamento de |e| átono final e a realização de |l| em trava de sílaba por [w]. As isófonas da região meridional são as seguintes: a conservação de |l| em trava de sílaba como [l] apical, a não-ditongação de |a| átono final seguido de |s| ou |z|, a não-ditongação de |u| átono final seguido de |s| ou |z| e a manutenção de [lj] postónico.

Nós concordamos absolutamente com esta sua divisão. Assim podemos confirmar a nossa teoria que o norte do Paraná apresenta uma região com traços linguísticos específicos.

Todas essas isófonas permitiram-nos apresentar uma característica da linguagem paranaense. Essas isófonas ajudaram-nos delimitar as fronteiras linguísticas no estado e dividi-lo em várias partes com os traços específicos. Confirmamos que a parte norte dispõe de variantes que não são próprias da parte do sul e vice versa.

Temos que apontar que as fronteiras linguísticas não sempre coincidem com as fronteiras estaduais. O Estado de Paraná é um excelente exemplo. Existem muitas diferenças de natureza linguística dentro do mesmo estado. As partes ao redor das fronteiras estaduais apresentam muitas vezes as mesmas características como os estados vizinhos. Isso é com certeza dado historicamente. A colonização desempenhou aqui um papel muito importante.

Confirmou-se assim a teoria que a variação linguística do Paraná está ligada à ocupação que ocorreu em três ondas colonizadoras.

O norte do estado ficou durante muito tempo desabitado. Foi a região chamada Paraná Tradicional que tinha os núcleos populacionais significativos. Os paranaenses concentravam-se na parte do sul do estado. A ocupação da parte do norte começou mais ou menos a partir dos anos 1860. Os paulistas e mineiros, que aqui chegaram, ficaram um pouco isolados do resto do estado e efectivamente da língua lá falada. Eles mantiveram um contacto muito pequeno com os paranaenses. Mais tarde, nos anos 40 do século XX, a área noroeste viveu um fenómeno de grande ocupação por diversos colonos. Isso determinou o predomínio das características linguísticas dos grupos imigrantes mais numerosos. Foram justamente os mineiros e paulistas que constituíram um número significativo de imigrantes. Graças a este fenómeno, delimitamos uma subárea noroeste que se encontra em oposição ao resto do estado. O norte está assim linguisticamente mais ligado ao São Paulo e Mato Grosso do Sul enquanto que o sul está mais ligado ao Rio Grande do Sul e Santa Catarina porque a ocupação deu-se aqui mais por gaúchos e catarinenses.

Podemos ver que a teoria do que o norte do Paraná seria uma região específica por seus traços linguísticos, é procedente e que o nosso estudo confirmou esta teoria sem nenhuma dúvida.

Esperamos que esse trabalho ía ajudar as pessoas que estudam a língua portuguesa e que querem tomar mais conhecimentos de variações linguísticas dessa língua.

## 11. Referências bibliográficas

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas linguístico do Paraná, Volume I*. São Paulo: Assis, 1990
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas linguístico do Paraná, Volume II*. São Paulo: Assis, 1990
- BIGARELLA, João José. *Imigrantes da Morávia no Paraná: de Römerstadt à Curitiba (saga dos Schaffer)*. Guarapuava: Unicentro, 1998
- CUESTA, Pilar Vázquez. MENDEZ DA LUZ, Maria Albertina. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Edições 70, 1989
- CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 2000
- ČERNÝ, Jiří. *Brazilská portugalština: dialekty a spisovný jazyk velkých měst*. Slovo a slovesnost, 59. 1998
- DORFMUND, Luiza. *Geografia e história do Paraná*. São Paulo: Editôra F.T.D. S.A.
- FERREIRA, Carlota. MOTA, Jacyra. FREITAS, Judith. SILVA, Mirian. ANDRADE, Nadja. SILVA, Rosa Virgínia. CARDOSO, Suzana. ROLLEMBERG, Vera. *Diversidade do português do Brasil*. Salvador: Centro editorial e didático da UFBA, 1994
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola editorial, 2004
- MENDONÇA, Renato. *A Influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1973
- MERCER, José Luiz da Veiga. *Áreas fonéticas do Paraná, Volume I*. Curitiba: 1992
- MERCER, José Luiz da Veiga. *Áreas fonéticas do Paraná, Volume II-Cartas*. Curitiba: 1992
- MIRA MATEUS, Maria Helena. BRITO, Ana Maria. FARIA, Isabel Hub. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989
- MORAIS BARBOSA, Jorge. *Introdução ao estudo da fonologia e morfologia do português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994
- SAAD, Paulo Murad. *Movimentos migratórios recentes no Estado do Paraná*. Curitiba: Paranacidade, 1998

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa editora, 1997

WACHOWICZ, *História do Paraná*. Curitiba: Imprensa oficial do Paraná, 2001

WOUK, Miguel. *Noções de dialectologia*, Curitiba: Editora dos professores, 1970

Páginas de internet:

[www.alib.ufba.br](http://www.alib.ufba.br)

[www.infopedia.pt](http://www.infopedia.pt)

[www.linguagemcontemporanea.wordpress.com](http://www.linguagemcontemporanea.wordpress.com)

[www.unicamp.br](http://www.unicamp.br)

[www.pt.wikipedia.org](http://www.pt.wikipedia.org)

[www.faccar.com.br](http://www.faccar.com.br)

## 12. Resumé

Témou tejto diplomovej práce je dialektologické rozdelenie portugalského jazyka v Brazílii. Autor sa zameriava hlavne na jazyk jedného z brazílskych štátov, ktorým je štát Paraná.

Brazílska dialektológia nie je tak dokonale spracovaná ako dialektológia portugalská. V Brazílii nie je vôbec jednoduché stanoviť hranice medzi jednotlivými dialektami. Keďže v Brazílii nie je jednoznačne definovaná norma, je o to ťažšie určiť čo je dialekt a čo je vlastne len odchýlkou od normy.

Autor sa teda zameriava na jeden konkrétny štát Brazílie a z lingvistického hľadiska sa snaží podať určitý ucelený obraz jazyka tohoto štátu. Štát Paraná je mnoho-krát považovaný za akési etnické laboratórium s veľmi rozmanitými zvyklosťami. Je zaujímavým nielen rôznorodým obyvateľstvom, ale taktiež svojím jazykom. Keďže sa tu usídlili rôzne etnické skupiny, či už priamo prisťahovalci z Brazílie, alebo imigranti z rôznych kútov Európy, fakt, že títo ovplyvnili jazyk tohoto štátu, je nepochybniteľný.

V našom prípade sú to hlavne prisťahovalci zo susedných štátov, ktorí sa významne podieľali na dnešnom vzhľade portugalského jazyka v tomto štáte. Významnú úlohu zohrali teda tri osídľovacie fázy, počas ktorých sa jazyk postupne formoval. V dôsledku tohoto osídľovania je možné rozdeliť štát Paraná na menšie celky, takzvané jazykové zóny, ktoré sú v práci podrobne charakterizované. Následným rozdelením sa zistilo, že jednotlivé celky sa podstatne líšia rôznymi jazykovými javmi. Takou najzaujímavejšou časťou je z tohoto hľadiska práve sever, ktorý disponuje znakmi, ktoré sa nevyskytujú vo zbytku štátu. Je teda na mieste tvrdenie, že jazykové hranice mnoho-krát nesúhlasia s hranicami štátnymi. Štát Paraná je tohoto veľmi dobrým príkladom.

## 13. Anexos

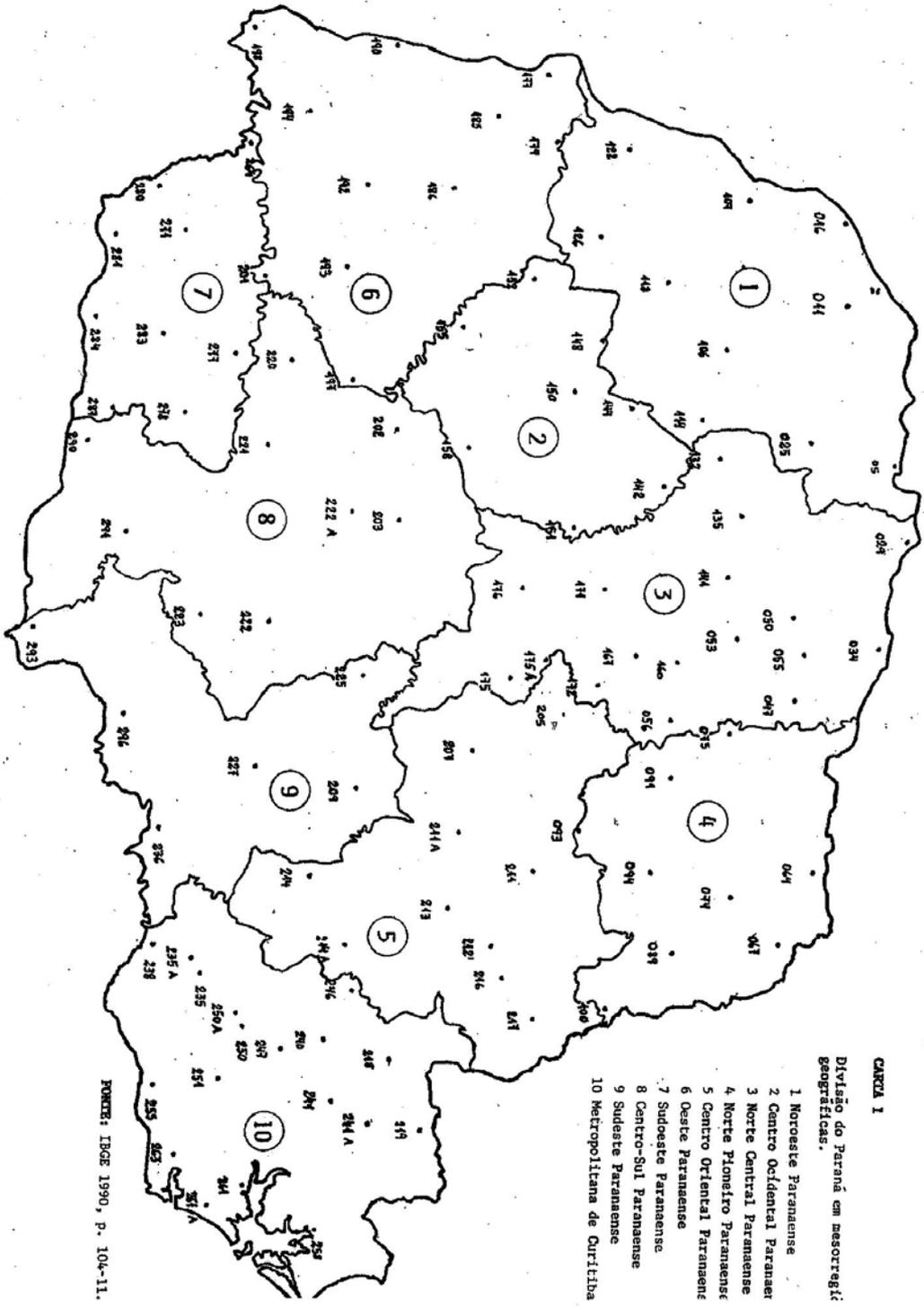
### Anotações fonéticas - tábua de símbolos fonéticos

Nós utilizámos o alfabeto fonético internacional com algumas modificações baseadas nos átlas estudados. Os símbolos utilizados são os seguintes.

- [a] - central aberta
- [e] - anterior semi-fechada
- [ɛ] - anterior semi-fechada nasal
- [ɜ] - anterior semi-aberta
- [i] - anterior fechada
- [ĩ] - anterior fechada nasal
- [o] - posterior semi-fechada
- [õ] - posterior semi-fechada nasal
- [u] - posterior fechada
- [t] - oclusiva linguodental surda
- [d] - oclusiva linguodental sonora
- [ʃ] - fricativa palatal surda
- [ʒ] - fricativa palatal sonora
- [tʃ] - africada palatal surda
- [dʒ] - africada palatal sonora
- [r] - vibrante alveolar
- [R] - velar retroflexo
- [l] - lateral alveolar
- [w] - semivogal posterior fechada
- [L] - velar retroflexo
- [λ] - lateral palatal
- [ŋ] - oclusiva palatal nasal
- [s] - fricativa apicoalveolar
- [ɬ] - fricativa predorsodental
- [z] - fricativa apicoalveolar
- [ʒ] - fricativa predorsodental
- [k] - oclusiva velar
- [g] - oclusiva velar

[v] - fricativa labiodental

[b] - oclusiva bilabial

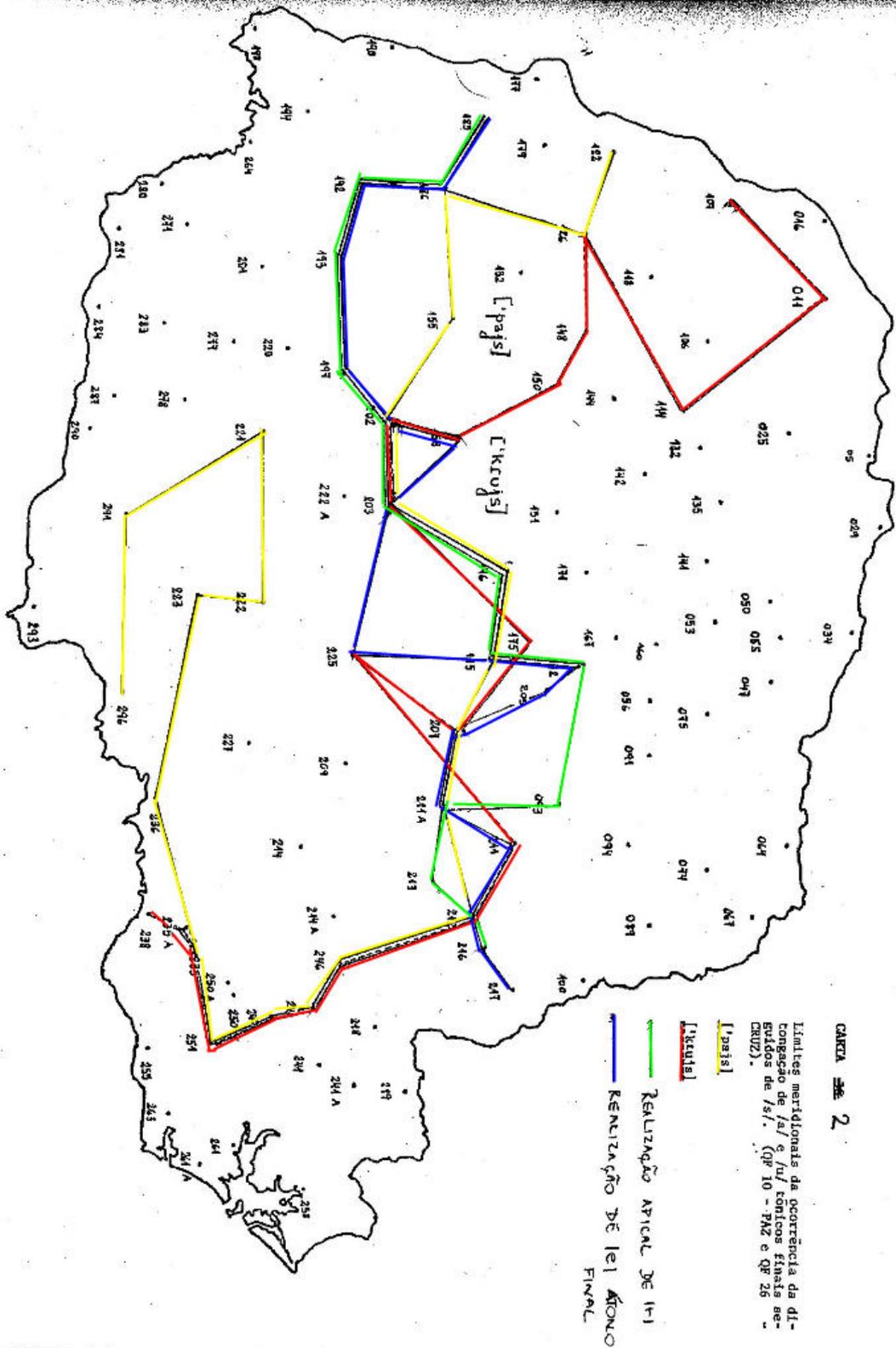


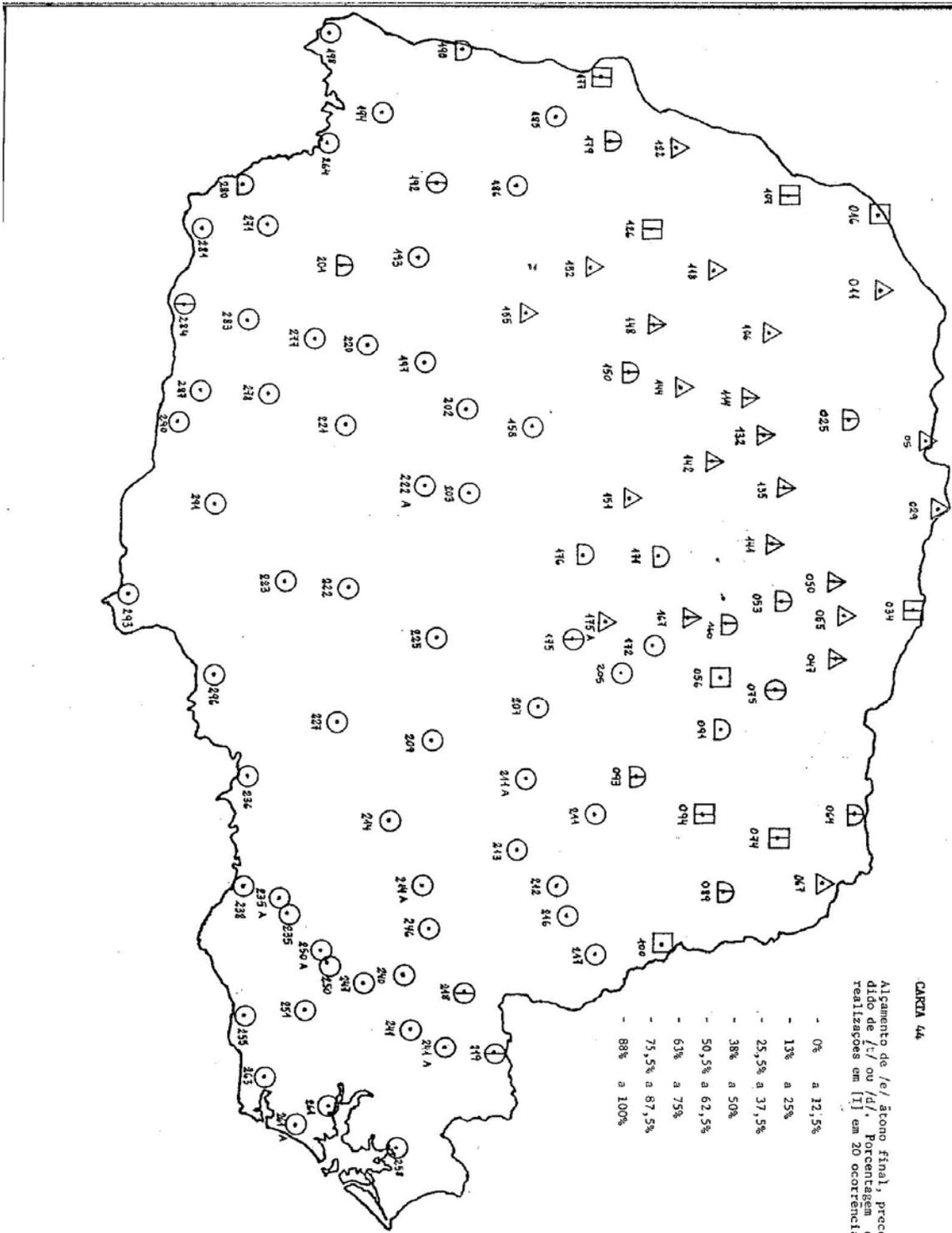
**CARDA 1**

Divisão do Paraná em mesorregiões geográficas.

- 1 Noroeste Paranaense
- 2 Centro Ocidental Paranaense
- 3 Norte Central Paranaense
- 4 Norte Pioneiro Paranaense
- 5 Centro Oriental Paranaense
- 6 Oeste Paranaense
- 7 Sudoeste Paranaense
- 8 Centro-Sul Paranaense
- 9 Sudeste Paranaense
- 10 Metropolitana de Curitiba

FONTE: IBGE 1990, p. 104-11.

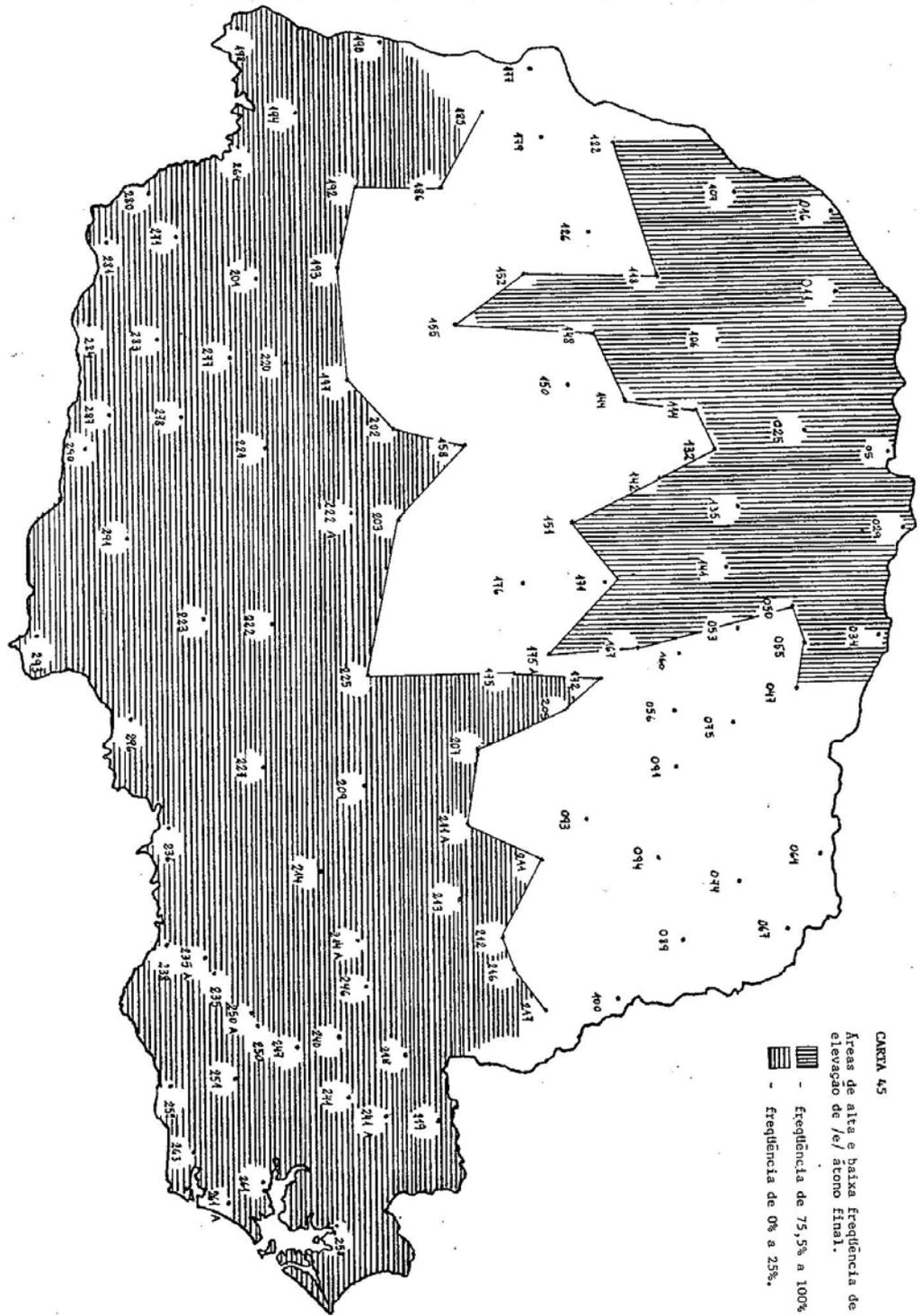




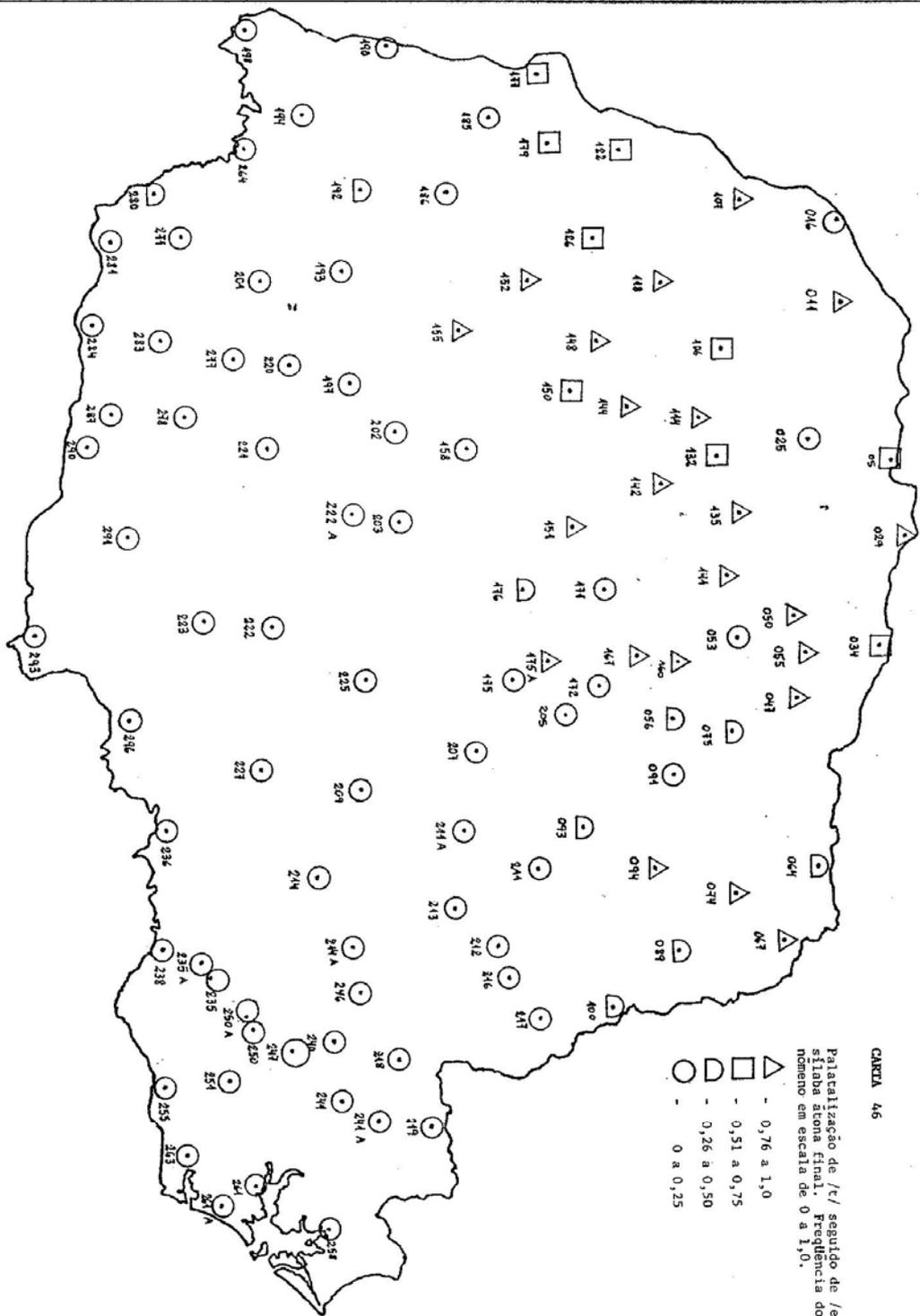
CARTA 4A

Aligamento de /e/ átono final, procedido de /c/ ou /d/. Percentagem de realizações em [i] em 20 ocorrências.

- 0% a 12,5%
- 13% a 25%
- 25,5% a 37,5%
- 38% a 50%
- 50,5% a 62,5%
- 63% a 75%
- 75,5% a 87,5%
- 88% a 100%



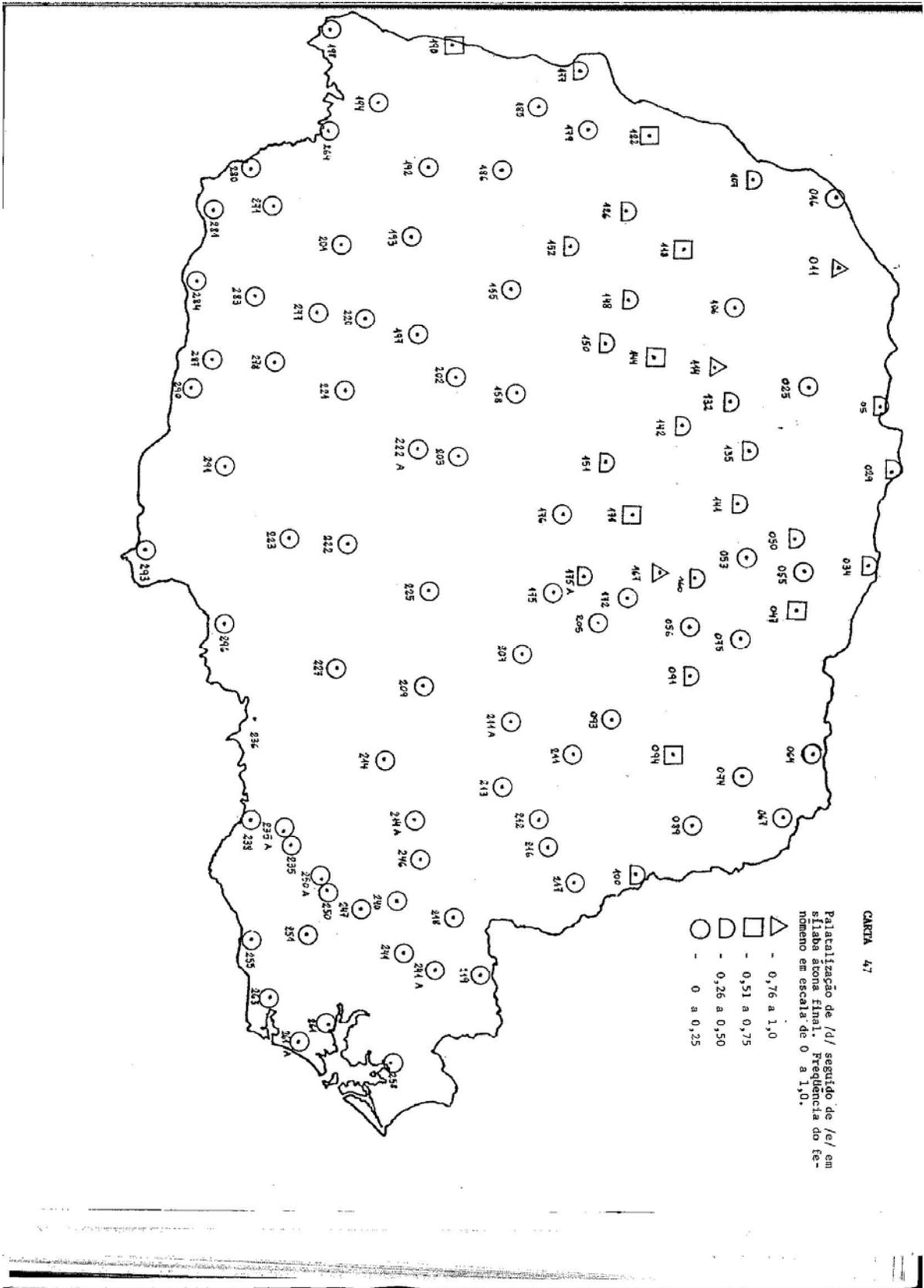
CARTA 45  
 Áreas de alta e baixa frequência de elevação de /e/ átomo final.  
 - Frequência de 75,5% a 100%  
 - Frequência de 0% a 25%.

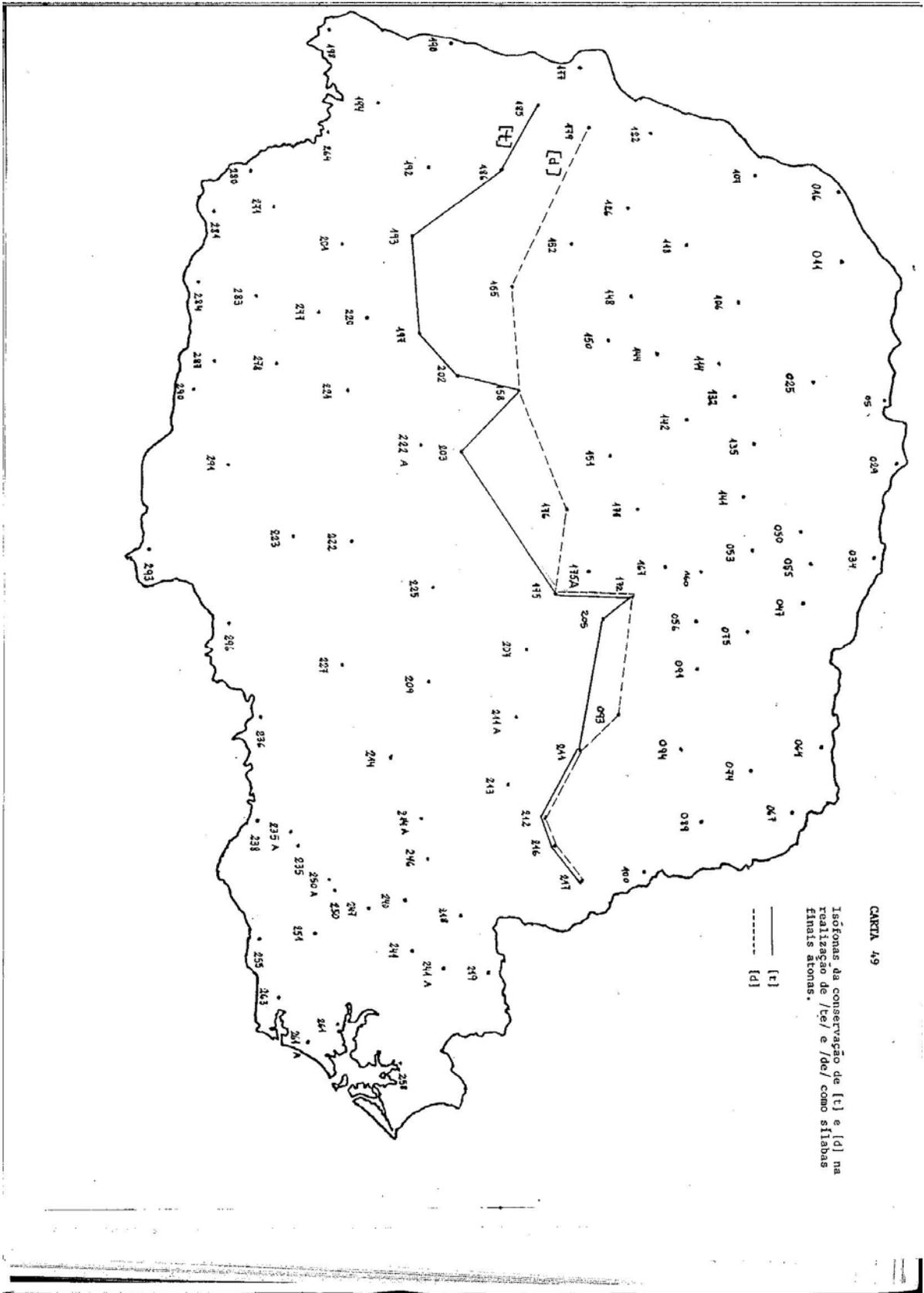


CARTA 46

Patetização de /e/ seguido de /e/ em sílaba átona final. Frequência do fenômeno em escala de 0 a 1,0.

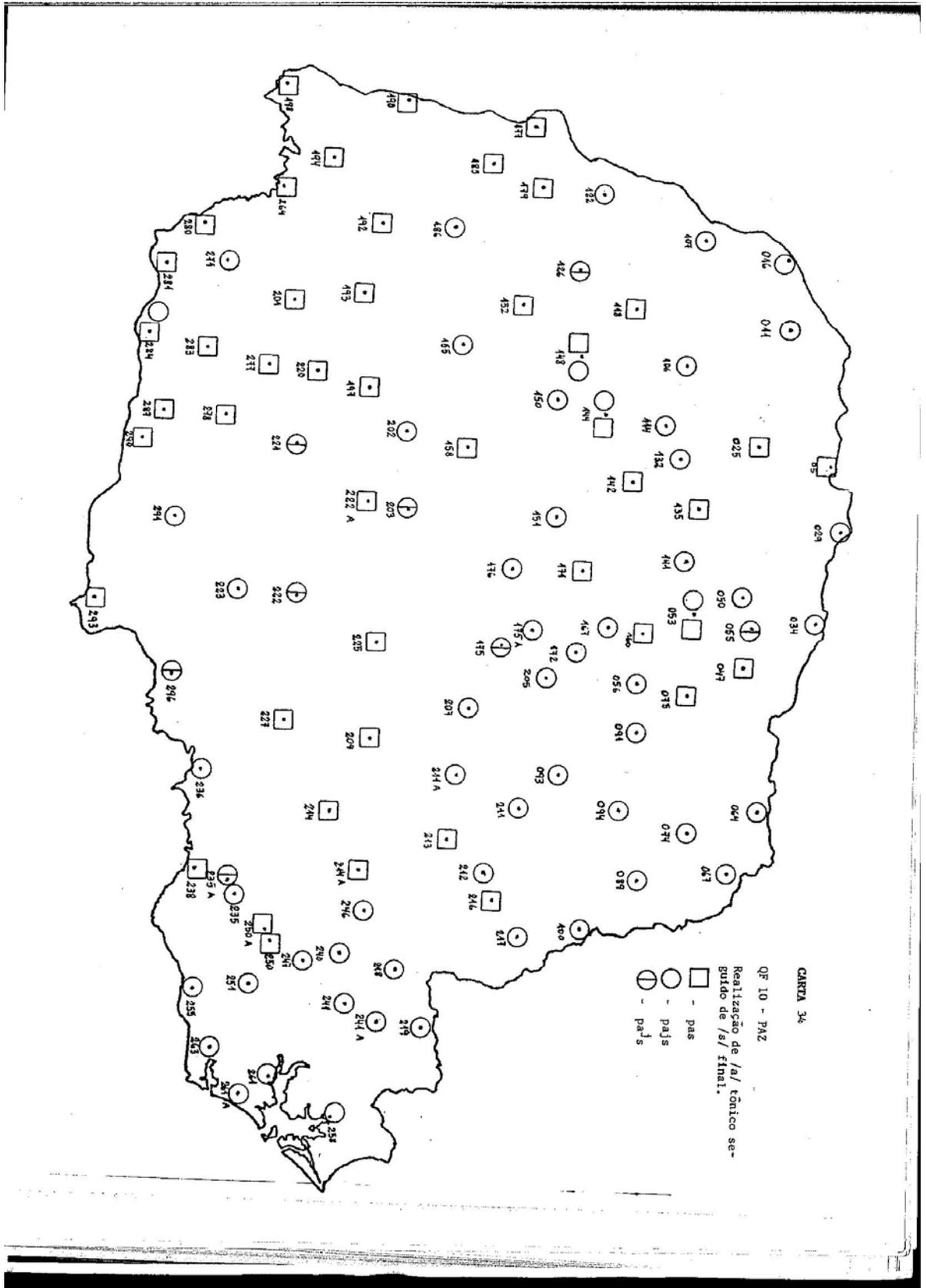
- △ - 0,76 a 1,0
- - 0,51 a 0,75
- - 0,26 a 0,50
- ◇ - 0 a 0,25

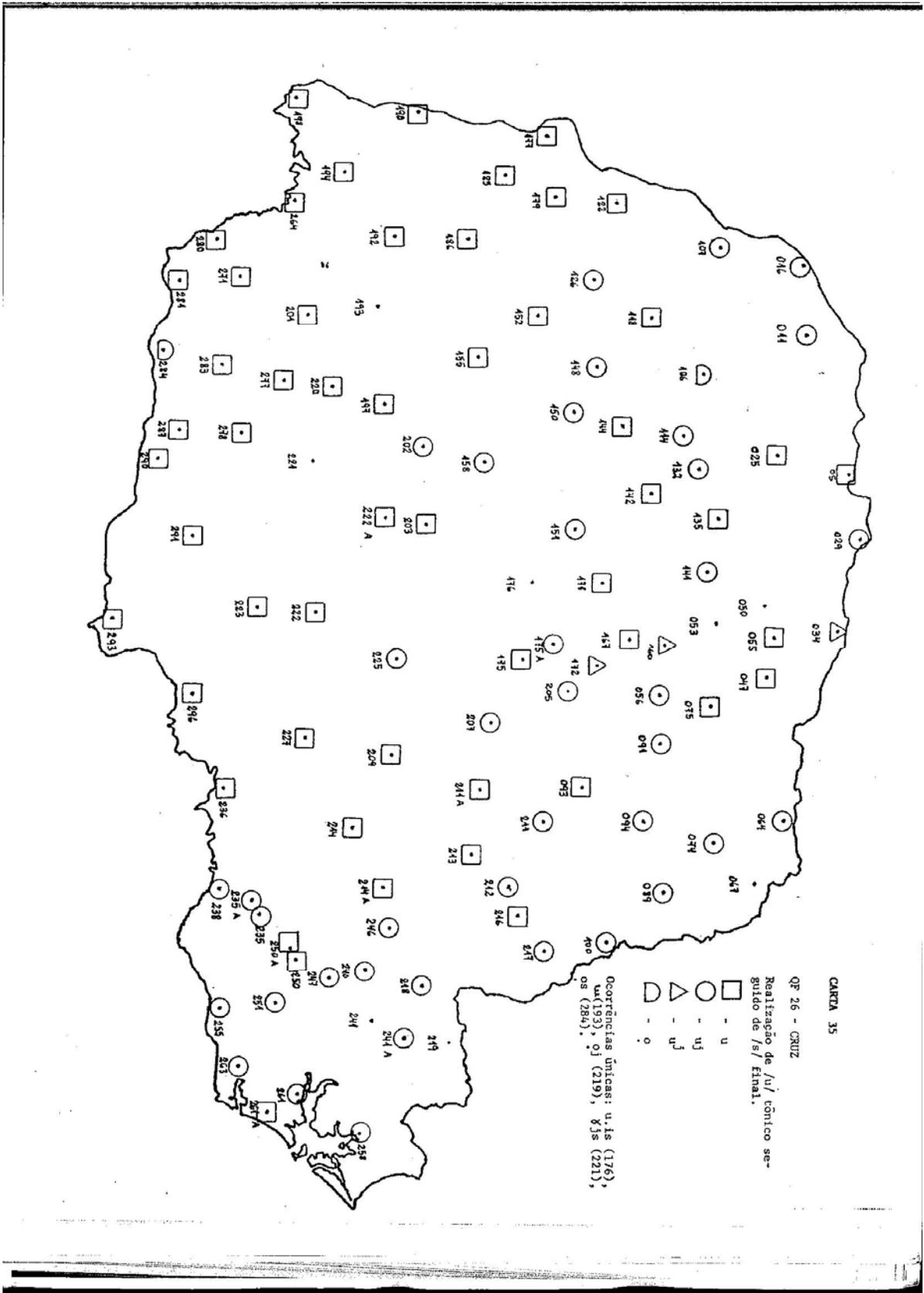


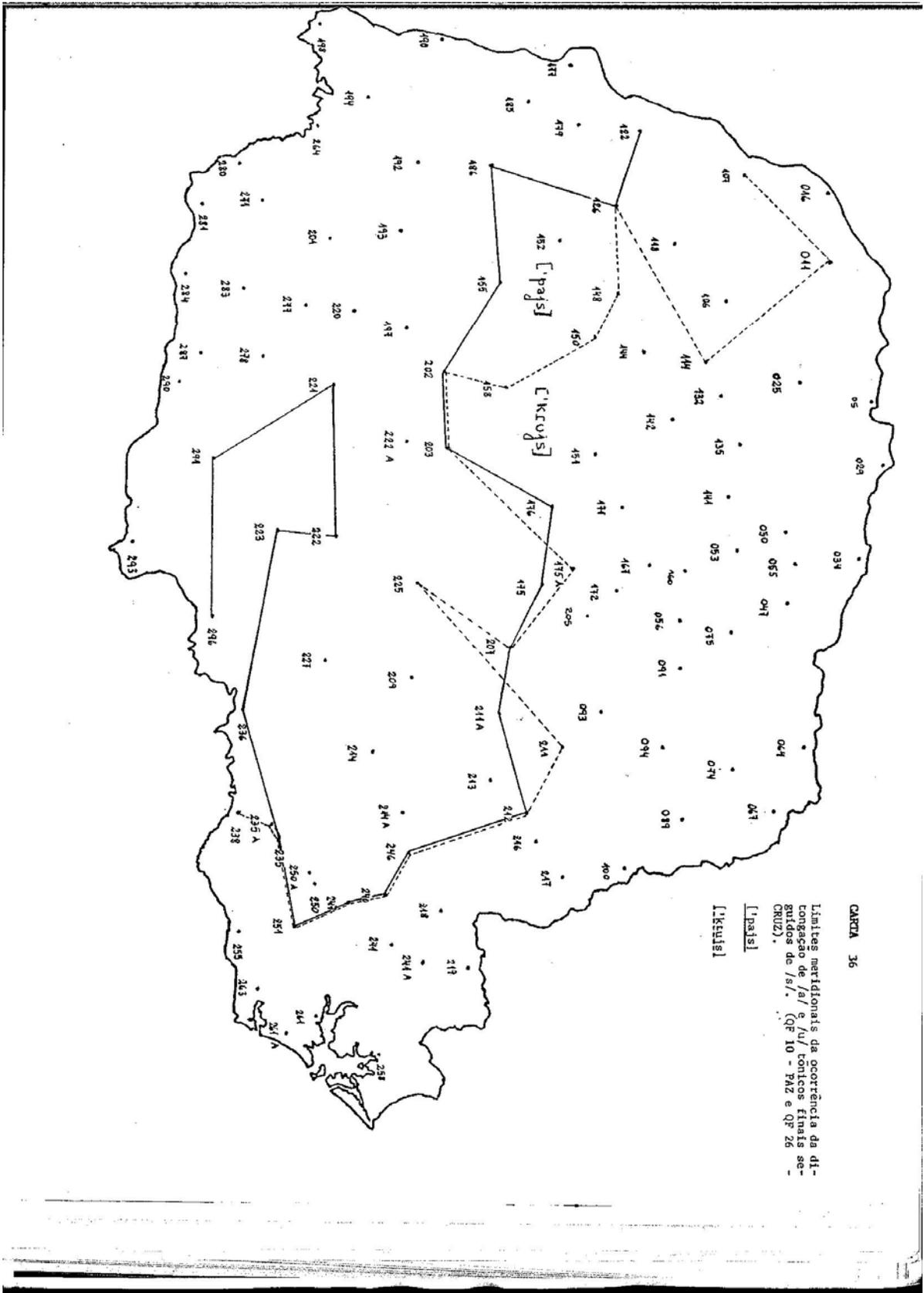


CARTA 49

Isofonas da conservação de [t] e [d] na realização de /te/ e /de/ como sílabas finais átonas.



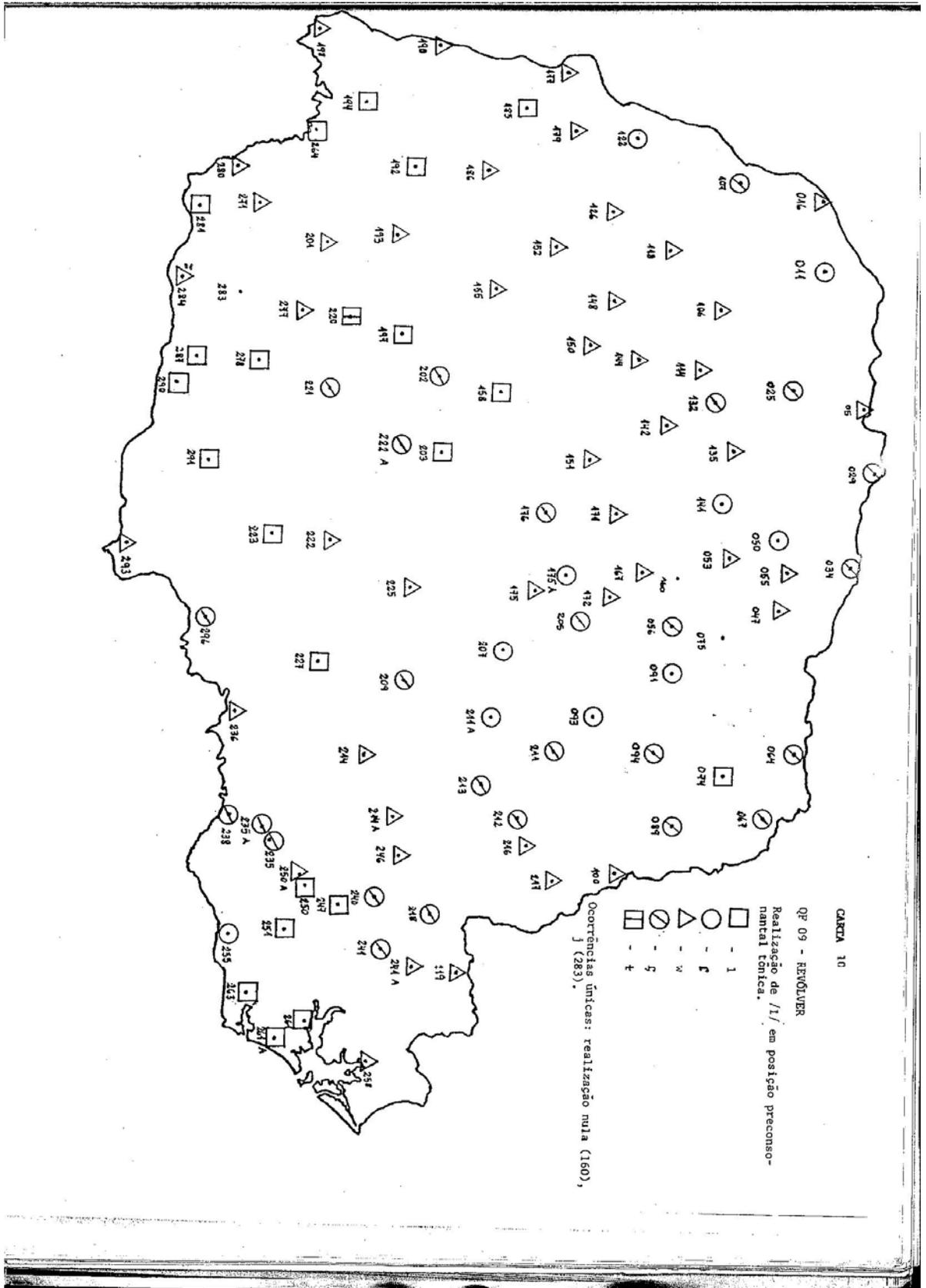


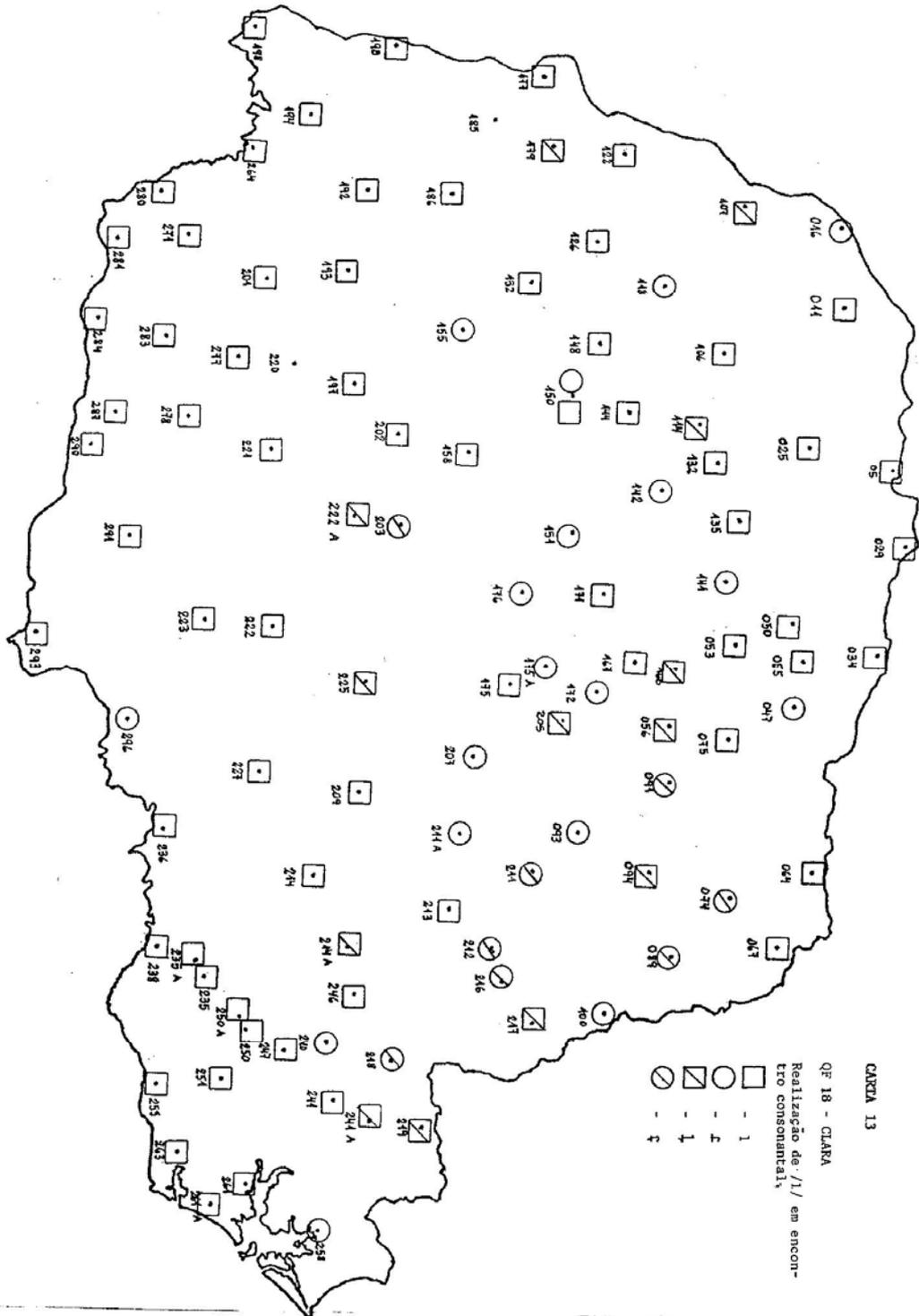


CARTA 36

Limites meridionais da ocorrência da di-  
 fonção de /a/ e /u/ conitos finais se-  
 guidos de /s/. (QP 10 - PAZ e QP 26 -  
 CRUZ).

[ 'país ]  
 [ 'Krujs ]



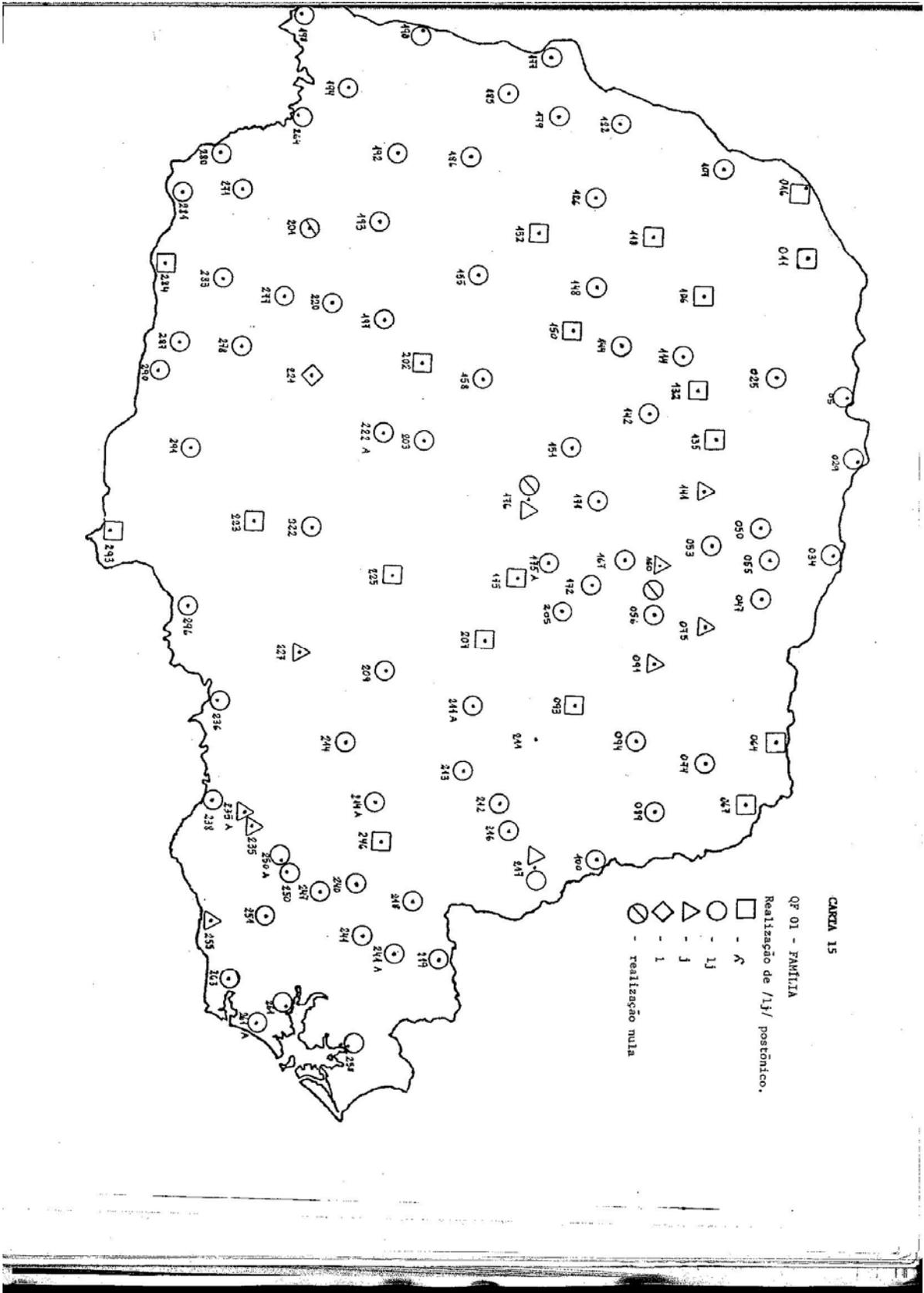


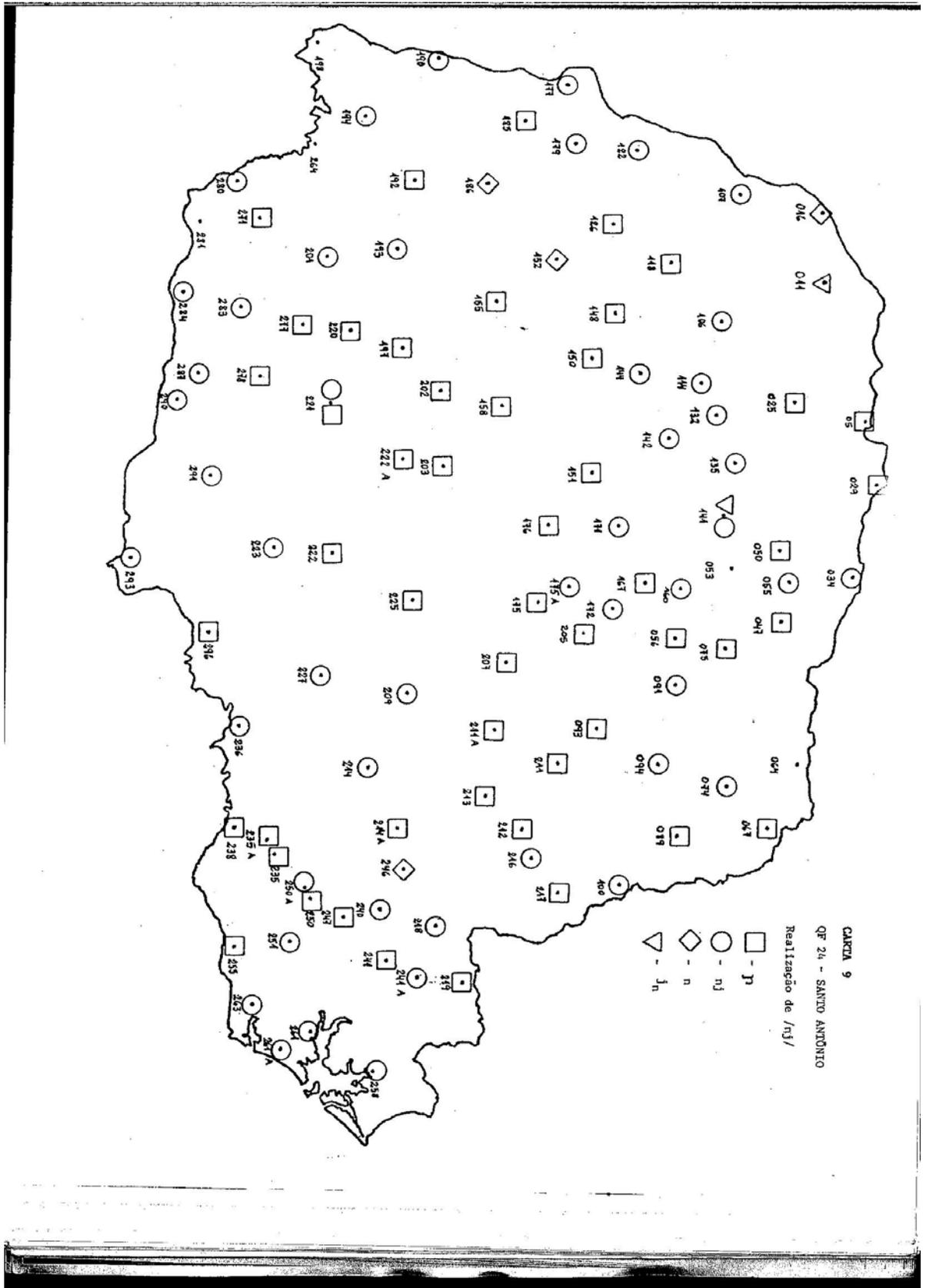
CARTA 13

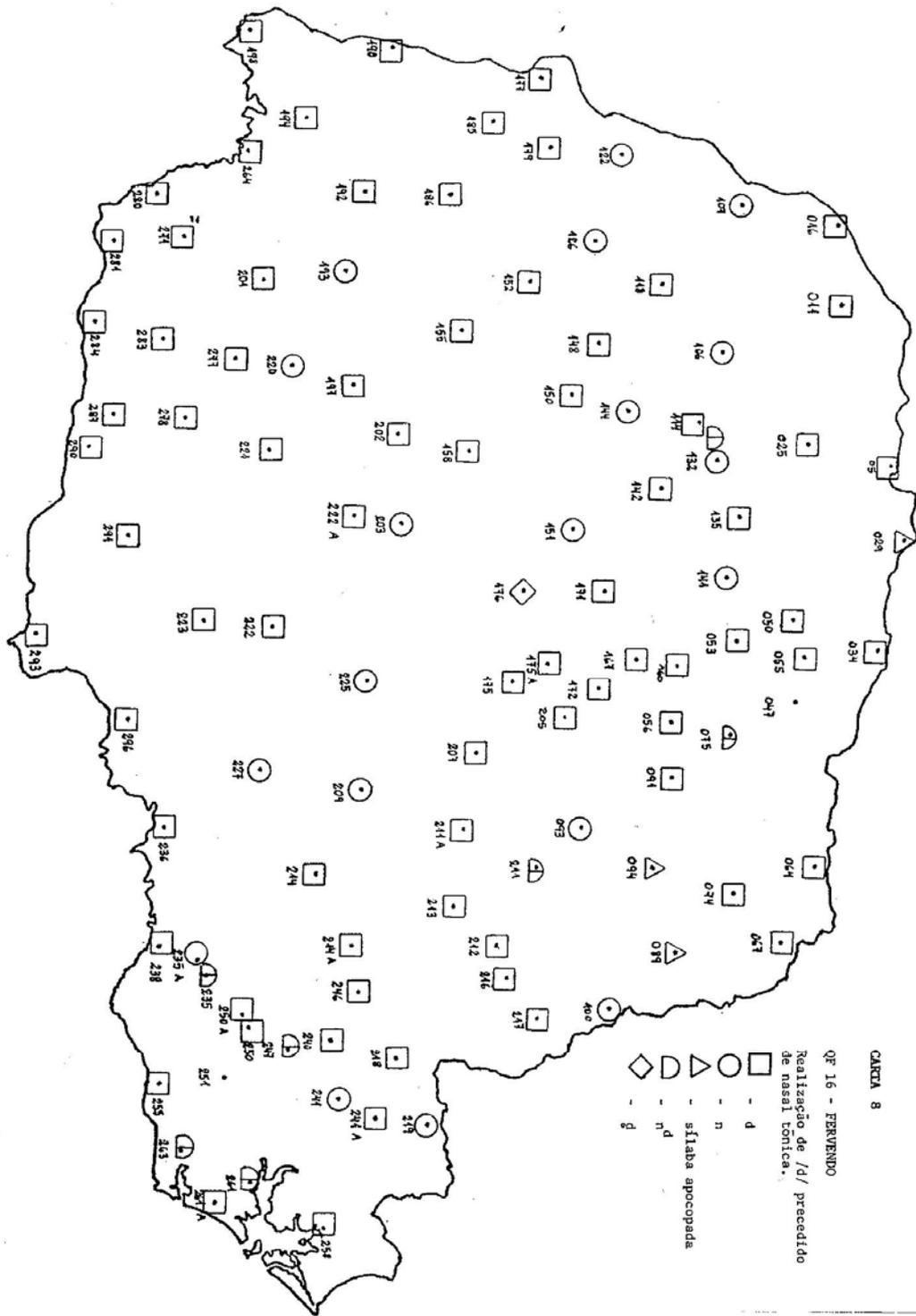
QE 18 - CLARA

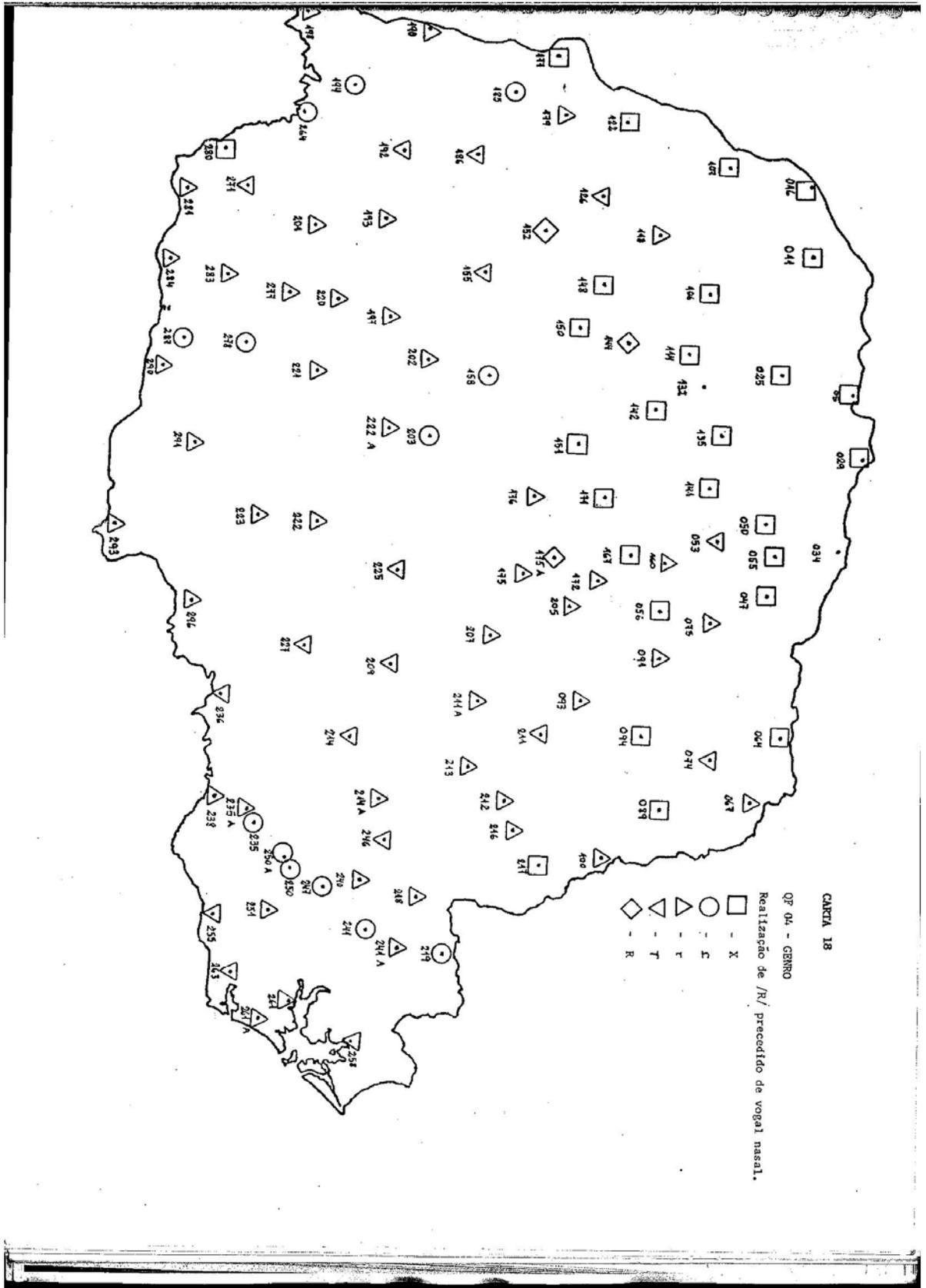
Realização de /l/ em encon-  
to consonantal.

- - 1
- - 2
- △ - 1
- - 2







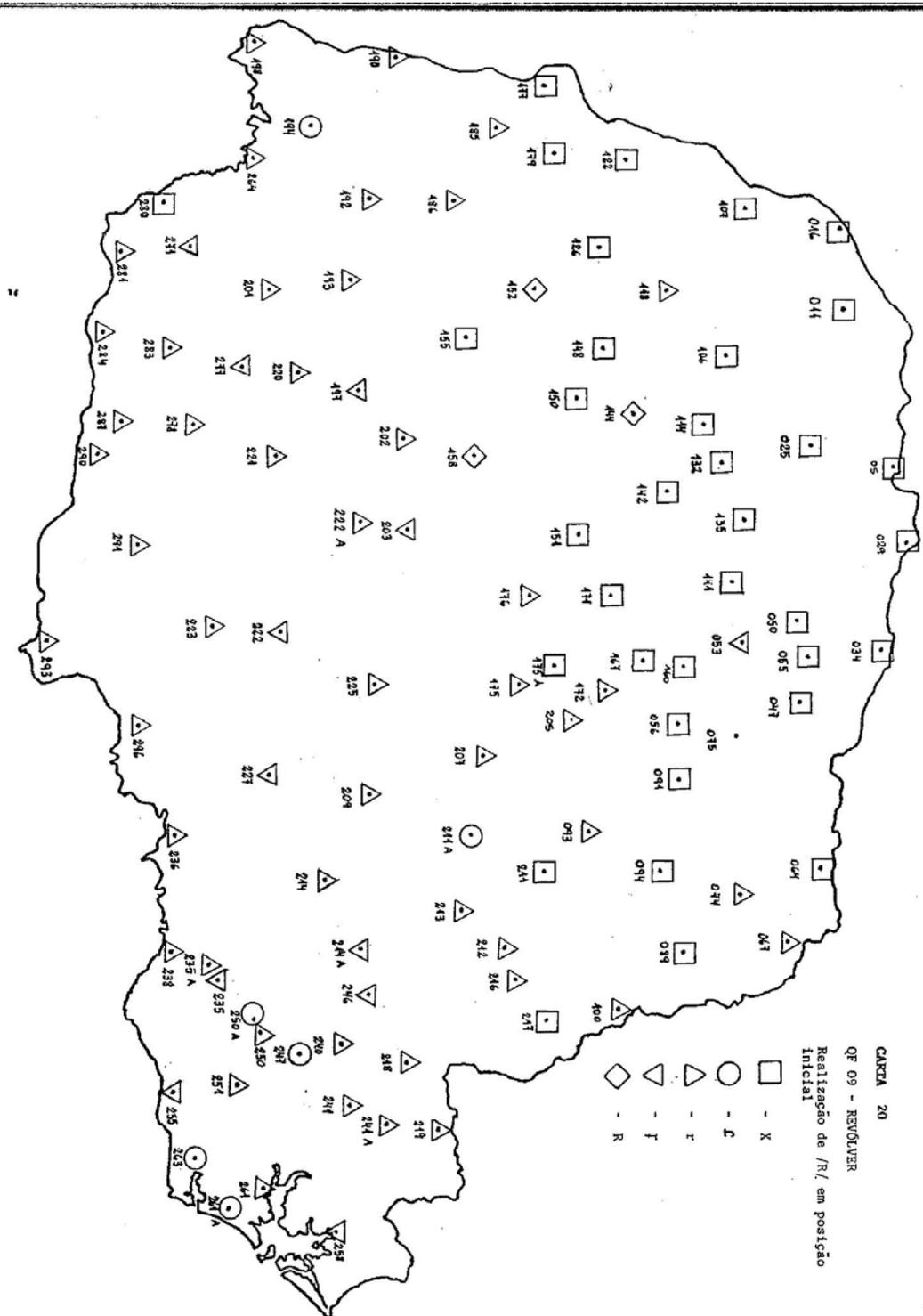


CARTIA 18

QF 04 - GENRO

Realização de /R/ precedido de vogal nasal.

- - X
- - E
- △ - T
- ◇ - R

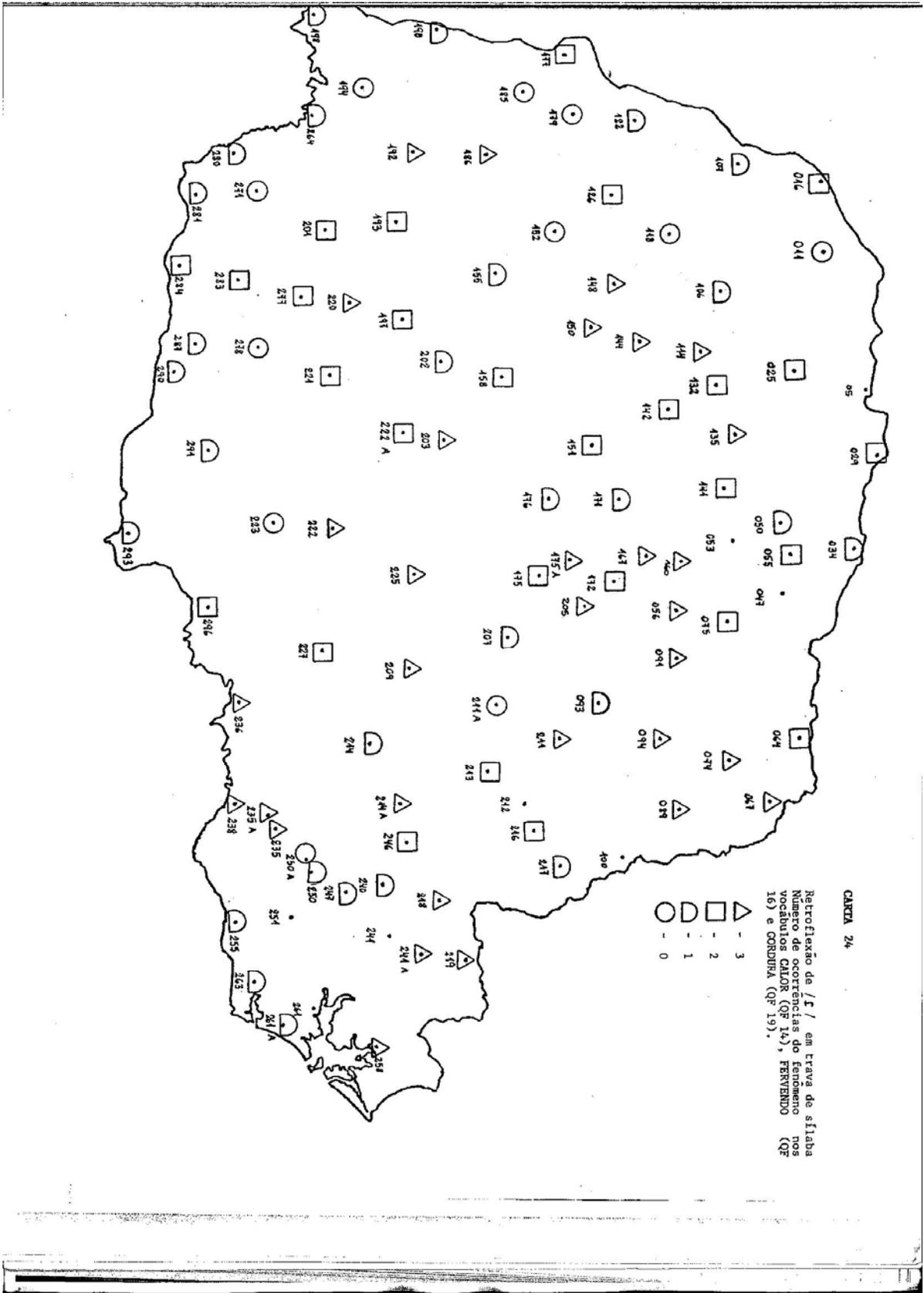


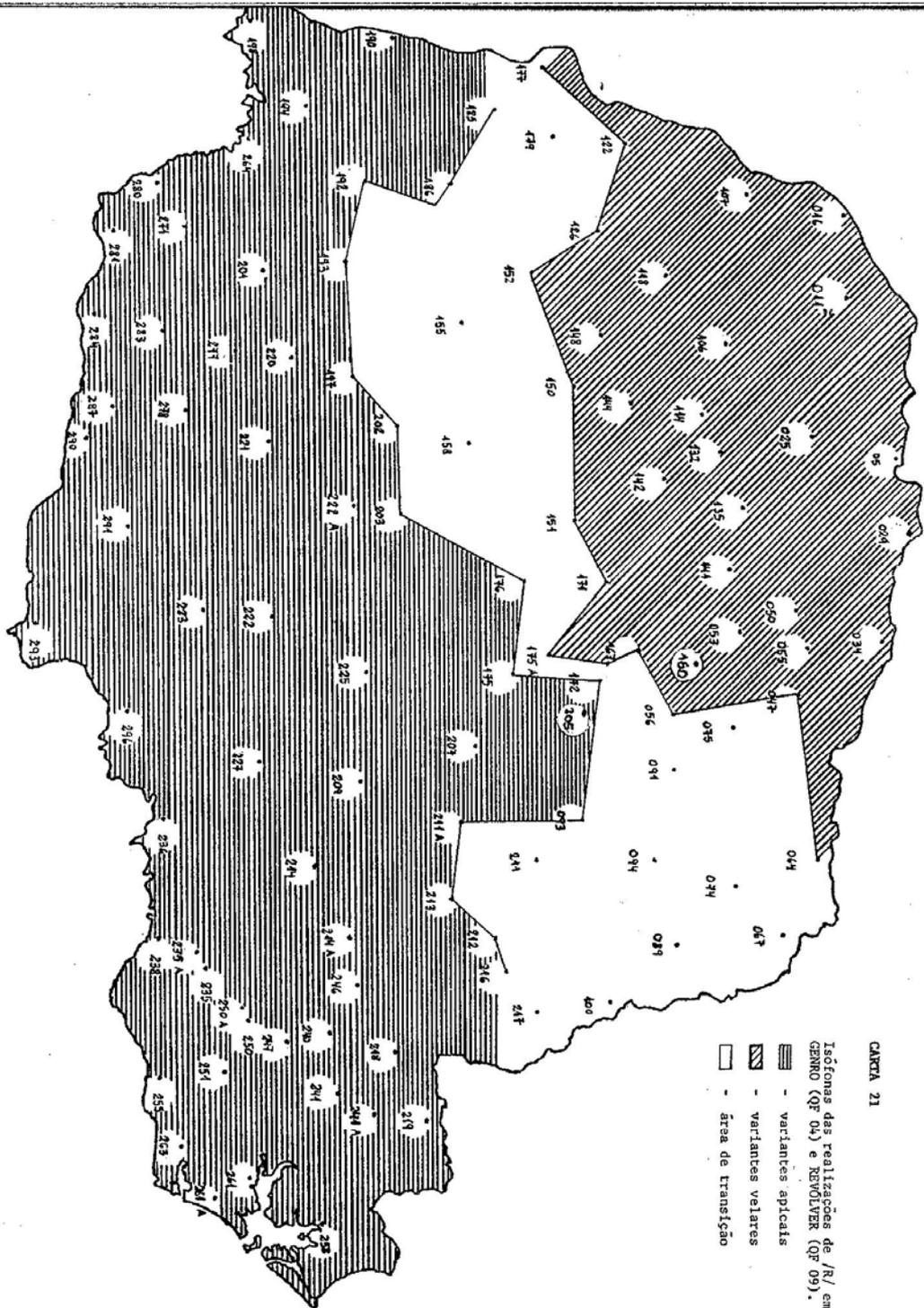
CARTELA 20

QF 09 - REVOLVER

Realização de /R/ em posição Inicial

- - X
- - L
- △ - F
- ◇ - R

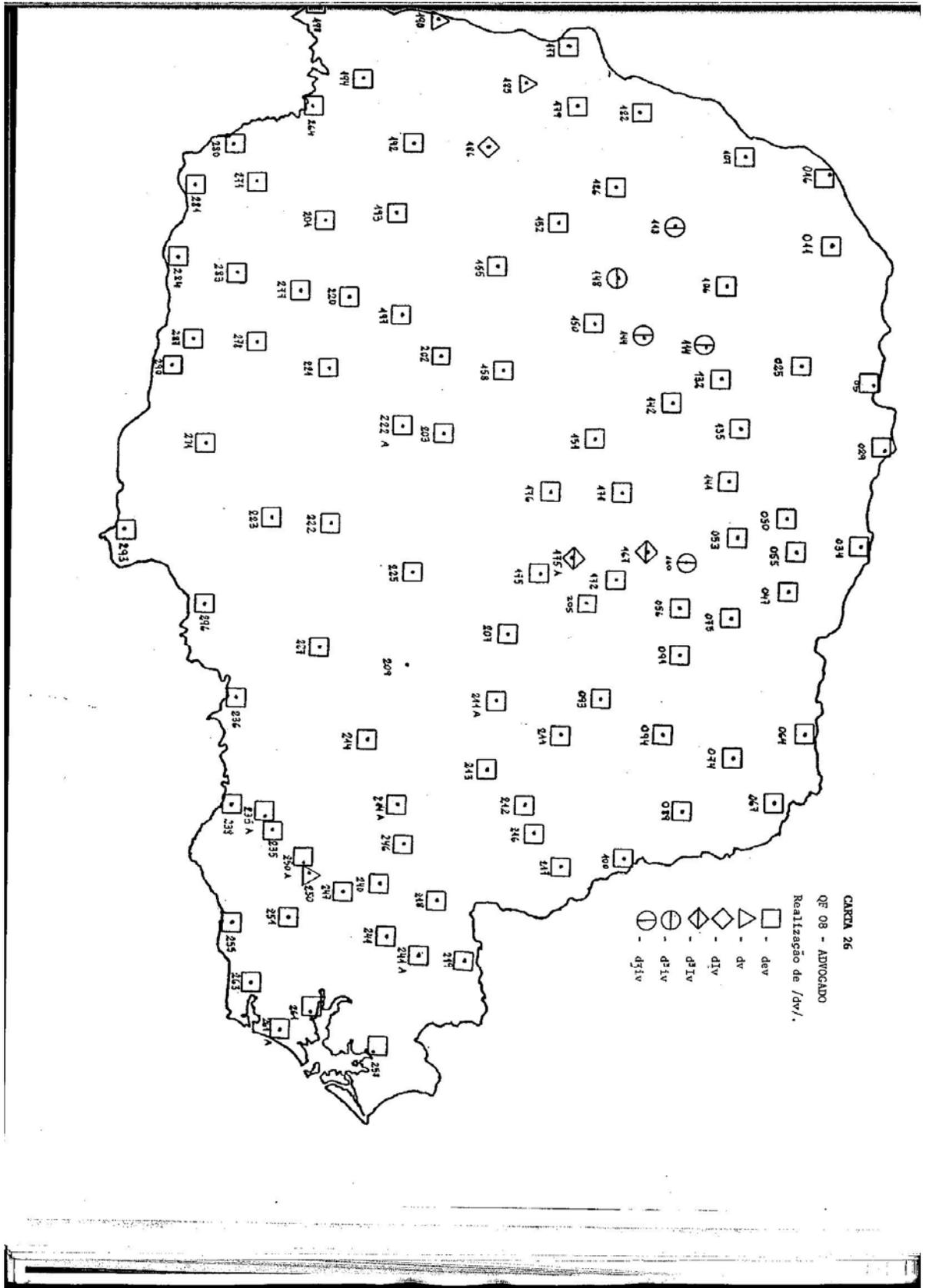




CARTA 21

Isófonas das realizações de /R/ em GENRO (QF 04) e REVOLVER (QF 09).

- ▨ - variantes apicais
- ▧ - variantes velares
- - área de transição



CARTA 26

QE 08 - ADVOGADO

Realização de /dv/.